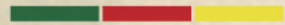


TEMA DOS FESTEJOS
FARROUPILHAS DO RIO
GRANDE DO SUL -2025



ONDAS CURTAS para uma HISTÓRIA LONGA

O CENTENÁRIO DE **DARCY FAGUNDES**
E OS 70 ANOS DO **GRANDE RODEIO CORINGA**

Publicação
Fundação
Cultural
Gaúcha



ROGÉRIO BASTOS
LILIANE PAPPEN BASTOS



ONDAS CURTAS para uma **HISTÓRIA LONGA**

O CENTENÁRIO DE **DARCY FAGUNDES**
E OS 70 ANOS DO **GRANDE RODEIO CORINGA**

1ª edição

PORTO ALEGRE
FUNDAÇÃO CULTURAL GAÚCHA
2025

EXPEDIENTE

Projeto Gráfico e Diagramação: Bastos Produções / P&B Comunicação

Autores e organizadores: Rogério Bastos e Liliane Pappen Bastos

Supervisão: Denise Gress - Presidente da Comissão Estadual

Informações e contatos: (51) 997658633

E-mail: lojafcg@mtg.org.br / bastosproducoes1@gmail.com

Ano da Publicação: 2025

Esta obra foi baseada no trabalho de conclusão de curso de jornalismo de Liliane Pappen, no ano de 2020, com aplicação pedagógica da professora Márcia Cristina Borges da Silva.

Autores do Tema dos Festejos Farroupilhas de 2025:

Márcia Cristina Borges da Silva e Irã Pereira Goulart
(Apresentado pela Fundação Cultural Gaúcha e pelo MTG)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondas curtas para uma história longa : o
centenário de Darcy Fagundes e os 70 anos do
Grande Rodeio Coringa / [organização] Rogério
Bastos, Liliane Pappen Bastos. --
Porto Alegre, RS : Fundação Cultural Gaúcha
MTG, 2025.

ISBN 978-85-61918-22-4

1. Cultura - Rio Grande do Sul 2. Fagundes, Darcy,
1924-1984 3. Rádio - História 4. Rio Grande do Sul
(Estado) - História I. Bastos, Rogério. II. Bastos,
Liliane Pappen.

25-284159

CDD-384.54098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Rádio : Rio Grande do Sul : História 384.54098165

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COMISSÃO ESTADUAL 2025

Secretaria da Cultura:

DENISE RAQUEL GRESS - Presidente

DANIELA ARAUJO DA SILVA Suplente - Secretário

Fundação Cultural Gaúcha – FCG:

ROGÉRIO PEREIRA BASTOS – Vice-presidente

PAULO ROBERTO MATUKAIT DA SILVA - Suplente

Gabinete do Governador:

FERNANDA DE FREITAS VARGAS - Titular

TERESINHA MARTINI THIESEN - Suplente

Secretaria da Casa Civil:

IVANA MARIA GENRO FLORES - Titular

LUIZ CEZAR MOREIRA DE CAMPOS - Suplente

Secretaria de Comunicação:

ANDERSON BOEIRA - Titular

ANTONIO GABIATTO - Suplente

Secretaria de Desenvolvimento Econômico:

EDNA EVALDT SCHWANCK - Titular

ROBERTA MARTINS FORNARI - Suplente

Secretaria da Educação:

DIEGO ANTONIO ROSA DE OLIVEIRA - Titular

LETÍCIA GRIGOLETTO DOS SANTOS - Suplente

Secretaria de Turismo:

VITÓRIA PEREIRA DOS REIS - Titular

CLÁUDIA MARA BORGES ROSA - Suplente

Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sust. e Irrigação:

NILTON FLORES DA SILVA NETO - Titular

ANTÔNIO CARLOS FERREIRA NETO - Suplente

Secretaria do Esporte e Lazer:

NATHALIA LAUERMANN TASSINARI - Titular

GILMAR PINTO - Suplente

Secretaria de Sistemas Penal e Socioeducativo:

ALEXANDRE GAY DE LIMA - Titular

BRUNA CALDASSO BECKER - Suplente

Brigada Militar:

MARCIO LUIZ DA COSTA LIMEIRA - Titular

ADEMIR HENZ - Suplente

Corpo de Bombeiros Militar:

RAFAEL DE OLIVEIRA JAQUES JARDIM - Titular

MARINA FIGUERA MARCHI - Suplente

Polícia Civil:

CRISTIANE BECKER - Titular

FELIPE KOLTERMANN MARTINETTO - Suplente

Instituto Geral de Perícias:

ANELIZE SANTOS SAMPAIO - Titular

THAYZE DA SILVA MEDITSCH - Suplente

Federação das Assoc. Municípios do Rio Grande do Sul – FAMURS:

VINICIUS BRITO - Titular

ISMAEL FELIPE HORBACH DE MEDEIROS - Suplente

Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG:

LUIZ HENRIQUE PETERSEN LAMAISSON - Titular

LUIS AFONSO OVALHE TORRES - Suplente

Prefeitura Municipal de Porto Alegre:

LILIANA CARDOSO R. DOS SANTOS DUARTE - Titular

FABIO BANDEIRA MACHADO - Suplente

Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do RS – OAB/RS:

KARINA CONTIERO SILVEIRA - Titular

RICARDO VOGT DE OLIVEIRA - Suplente

APRESENTAÇÃO DO GOVERNADOR

VOZ DA IDENTIDADE GAÚCHA

No alcance intercontinental das ondas curtas de rádio, uma voz propagou, através de gerações, o universo de histórias que compõe a alma gaúcha. Em 2025, na temática dos Festejos Farroupilhas, celebramos o centenário do eterno locutor Darcy Fagundes e os 70 anos da estreia do Grande Rodeio Coringa. Uma justa homenagem ao palco e ao protagonista do primeiro programa de auditório do rádio gaúcho, que atçaram a chama da tradição e ajudaram a forjar a identidade do povo do Rio Grande.

Darcy, homem de chapéu e palavra, foi um verdadeiro sentinela da cultura gauderia. Soube unir poesia, música e raiz, narrando o cotidiano do campo com a sabedoria de quem conhecia cada curva do Pampa. Seu timbre lembrava o troar dos cavalos e o vaivém das carroças, dando forma sonora às lembranças de um povo que labuta e celebra a liberdade. Ao exaltar o centenário de seu nascimento, a 15 de dezembro de 1924, reverenciamos não apenas o radialista, mas o artífice de memórias que, através do microfone, semeava esperança e preservava o elo entre passado e presente.

Com seu tom firme de declamador de sonhos, Darcy elevou o Grande Rodeio Coringa a patrimônio imaterial, que reformulou toda a história da fonografia rio-grandense. Desde a estreia em 1º de maio de 1955, o fervor de cada invernada era um mergulho no espírito gaudério. Palco para duplas, trios, trovas e declamações, revelou talentos como Teixeira, Mary Terezinha, Gildo de Freitas, Berenice Azambuja e Gaúcho da Fronteira, deixando um legado ímpar à música e à cultura do Estado.

Sob o tema “Ondas curtas para uma história longa”, os Festejos de 2025 convidam a revisitar a voz e o palco pioneiro que moldaram nossa identidade. Que “O Vaqueano do Rádio”, como descreve a canção-tema desta edição, siga ecoando em todos os rincões do Rio Grande, como símbolo da cultura e da garra de um povo, que apesar das adversidades enfrentadas ao longo de sua história, sabe seguir em frente para construir um Estado ainda mais forte.

Eduardo Leite

Governador do Rio Grande do Sul

APRESENTAÇÃO DO SECRETÁRIO

Os Festejos Farroupilhas de 2025 nos convidam a mergulhar em uma história contada pelas ondas do rádio e pelas vozes que ecoaram valores, tradições e identidade. Ao celebrarmos o centenário de nascimento de Darcy Fagundes e os 70 anos do programa Grande Rodeio Coringa, esta obra presta justa homenagem a quem deu voz ao Rio Grande, unindo gerações e territórios por meio da cultura.

Com sensibilidade, a obra resgata esses marcos fundamentais, revisitando momentos decisivos da formação do tradicionalismo como um movimento coletivo e profundamente enraizado no sentimento de pertencimento. Ao destacar o papel do rádio na valorização dos costumes regionais, revela como esse meio foi essencial para dar visibilidade às expressões culturais locais e conectar comunidades distantes por uma linguagem comum, feita de memória, emoção e identidade

Ao eleger esse tema para os Festejos Farroupilhas de 2025, reverenciamos o passado e reafirmamos a vitalidade de um legado que permanece pulsando nas escolas, nas praças, nos CTGs e em cada lar onde a cultura gaúcha se mantém viva e em constante renovação.

Uma boa leitura a todos!

Eduardo Loureiro

Secretário de Estado da Cultura

Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul.

APRESENTAÇÃO DA COMISSÃO ESTADUAL

É com muita satisfação que apresentamos o Livro Tema dos Festejos Farroupilhas 2025 – **“Ondas curtas para uma história longa – O centenário de Darcy Fagundes e os 70 anos do Grande Rodeio Curinga”**. Este livro serve não apenas de base para novas gerações, mas também como forma de homenagem ao grande declamador e radialista, que por 70 anos manteve acesa a conexão entre a arte e o campo, difundindo nossa tradição gaúcha pelas ondas do rádio.

Reconhecemos que é através dos livros que mantemos viva a nossa história e com isso enaltecemos ainda mais a riqueza e a diversidade da cultura do Rio Grande do Sul. Que o legado do Darcy perdure por muitos anos, que as ondas do rádio continuem rompendo barreiras elevando cada dia mais o orgulho de sermos gaúchos.

Boa leitura!

Denise Gress

Presidente da Comissão Estadual

PREFÁCIO

Mais uma vez, a Fundação Cultural Gaúcha-MTG busca fortalecer o sentimento de pertencimento e orgulho gaúcho por meio de um registro histórico que celebra a riqueza cultural do nosso estado. Este livro aborda a temática dos festejos farroupilhas, destacando momentos tão especiais como a história de Darcy Fagundes e a passagem de 70 anos do Grande Rodeio Coringa. Este último, uma verdadeira joia para quem aprecia o rádio como meio de comunicação de massa, transmissor de notícias, música, informação e entretenimento, chegando aos lugares mais distantes do nosso território.

A obra contribui para preservar e valorizar as tradições, histórias e celebrações que fazem parte da identidade do povo gaúcho. Ao destacar um programa de rádio como o Grande Rodeio Coringa, reforça a importância dos meios radiofônicos em diversas cidades, promovendo a cultura e o orgulho regional, além de conectar gerações e manter viva a memória dessas festividades tão significativas. Assim, este livro não só homenageia figuras importantes como Darcy Fagundes, Octávio Augusto Vampré e o patrono Mario Mattos, mas também incentiva a valorização dos programas de rádio e radialistas que ajudaram a difundir a cultura do nosso estado, garantindo que permaneçam vivos e relevantes para as futuras gerações.

Participar dos eventos é um privilégio de poucos, mas ter acesso às informações e ao conhecimento é um direito de todos. E a rádio, ao transmitir o que a cultura produz e oferece, sempre cumpriu o papel democrático de tornar esse direito uma realidade para todos.

Oscar Gress

Presidente da Fundação Cultural Gaúcha - MTG

SUMÁRIO

VALE UM POUCO DE HISTÓRIA...	15
TEMÁTICAS DOS FESTEJOS	23
PATRONOS E PATRONESES DOS FESTEJOS FARROUPILHAS	24
LOCAIS DE ACENDIMENTO DA CHAMA CRIOLA OFICIAL	25
TRADICIONALISMO GAÚCHO	27
O RÁDIO – UM BREVE PANORAMA	41
RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL	43
RÁDIO FARROUPILHA E O	59
PROGRAMA GRANDE RODEIO	59
O CONTEXTO HISTÓRICO DA	63
TEMÁTICA DE 2025	63
1. CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO	63
2. A ALIANÇA INICIAL E OS PRIMEIROS CONFLITOS	63
3. CONFLITOS ABERTOS E A CRISE DE 1954	64
4. A CONTRIBUIÇÃO DE CHATEAUBRIAND NA CRISE DE 54	65
UM HOMEM CHAMADO	67
OCTÁVIO AUGUSTO VAMPRE	67
QUEM FOI DARCY FAGUNDES	69
RADIOATOR E APRESENTADOR DO GRANDE RODEIO	69
DARCY AJUDOU A DIVULGAR O TRADICIONALISMO GAÚCHO	70
DISCOS	71
CINEMA	71
O PATRONO – MÁRIO MATTOS	74
FOTOS – MÁRIO MATTOS	76
APLICAÇÃO PEDAGÓGICA	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

VALE UM POUCO DE HISTÓRIA...

Liliane Pappen Bastos

Luiz Carlos Barbosa Lessa defende que a cada 30 anos – mais ou menos uma geração – surge um ‘ismo’ (movimento) diferente no Rio Grande do Sul. Ele destaca como primeira tentativa de preservação do ser gaúcho, o movimento cultural do Parthenon Literário, na década de 1868, seguido do Campeirismo de Cezimbra Jaques, em 1898, do Regionalismo Literário, da década de 1920, até o Tradicionalismo Gaúcho do final dos anos 40 do século passado, e que serviu de lastro para o Nativismo, movimento musical dos anos 80. Lessa (1985) defende, ainda, que o alcance e a expansão do movimento nascente (tradicionalismo) estão diretamente ligados à tecnologia disponível à época.

Em seus escritos, Lessa afirma que, até meados de 1953, o crescimento era tímido e se dava, basicamente, pelo boca a boca e pelas ações dos jovens pioneiros, mas que o rádio e programas como o Grande Rodeio Coringa, programa radiofônico da Rádio Farroupilha, iniciado em 1955 e um dos temas deste livro, transformaram essa realidade, levando o movimento para todos os recantos do estado e inspirando outras iniciativas parecidas na área da comunicação. O referido programa também revelou grandes nomes do cancioneiro e da trova gauchesca além de projetar o tradicionalismo para fora das fronteiras regionais.

Dessa época até a década de 70, pelo menos oito grandes programas de rádio, em diversos veículos de

comunicação, divulgavam a cultura regional, sendo o Grande Rodeio Coringa (nome que traz a referência do patrocinador âncora, a São Paulo Alpargatas, fabricante do Brim Coringa) o mais famoso deles, segundo Henrique Mann (2002). De acordo com Luiz Artur Ferraretto (2007), o Grande Rodeio Coringa mudou a forma de fazer rádio, oferecendo uma linguagem regional e próxima da realidade dos ouvintes, aproximando o homem do campo e da cidade em usos e costumes comuns aos dois públicos, e contado com uma interação que somente os programas de auditório poderiam oferecer nesse período. O programa também projetou grandes comunicadores e nomes do tradicionalismo como o folclorista Paixão Côrtes, Darcy Fagundes, Dimas Costa, Luiz Menezes e tantos outros.

Como os veículos de comunicação – em especial o rádio e o programa radiofônico Grande Rodeio Coringa – tiveram participação na divulgação do tradicionalismo gaúcho enquanto movimento sociocultural e identitário dos sul-rio-grandenses? Eis a questão!

Os veículos de comunicação – especialmente o rádio – e o programa radiofônico da década de 1950, o Grande Rodeio Coringa, na Rádio Farroupilha, divulgou o movimento sociocultural nascente e o transformou em corrente de ideias e ações segmentadas. Foi por meio do rádio que os gaúchos de todos os rincões tiveram acesso às informações sobre o que os jovens alunos do Colégio Júlio de Castilhos, na capital, estavam realizando nos meados do século passado, dando origem ao movimento sociocultural conhecido como tradicionalismo, a partir da primeira Ronda Crioula e da escolta dos restos mortais de Davi Canabarro no traslado para Porto Alegre, e como poderiam, também, reproduzir tais iniciativas em seus municípios.



Reconhecer o período em que os fatos se desenrolam e a influência cultural, política e social da época, agregados à ânsia por uma identidade forte e à carência de símbolos do período, já que o tradicionalismo surge logo após a chamada ditadura Vargas, que culminou com a queima das bandeiras estaduais, além do revisionismo histórico da Revolução Farroupilha, promovido por Getúlio Vargas também precisam ser considerados.

Por tratar-se de um movimento jovem, cabe o registro de todas as informações possíveis como fonte de pesquisas futuras e cabe, especialmente, entender porque as iniciativas similares – os ismos anteriores: telurismo, campeirismo, regionalismo literário e nativismo, conforme aponta Lessa – em diferentes períodos, não obtiveram sucesso, enquanto uma iniciativa que poderia ter sido apenas um movimento estudantil criou ramificações e se tornou um dos maiores movimentos socioculturais conhecidos.

Baseado em um conjunto híbrido e flexível de elementos, a cultura identitária permite que os grupos sociais se reconheçam e se mantenham coesos, especialmente quando a globalização ameaça pequenas culturas. O que um povo produz linguística, religiosa, artística, científica e moralmente compõe o seu conjunto cultural de identidade. Para Jarbas Lima (2004), “*é a cultura que distingue e identifica os povos*”, sendo, portanto, únicas e singulares.

Barbosa Lessa afirma que essa mesma identidade é também responsável pela preservação do grupo local. Daí a necessidade do movimento sociocultural, conhecido como tradicionalismo, iniciado na década de 1940. Esse movimento sociocultural é entendido como uma ação coletiva, através da qual um grupo busca alcançar mudanças sociais e a preservação de seu conjunto de

elementos culturais característicos. Para Lima (2004), ele se divide em pelo menos três contextos e interinfluenciam simultaneamente, estabelecendo relações independentes e complementares. No plano da personalidade ou psíquico está a maneira de ser dos indivíduos sociedade – suas ideias, ações, reações emocionais; no plano social estão as instituições sociais – familiares, econômicas, morais e políticas; e o plano cultural que se refere aos valores determinantes dos hábitos e costumes.

Parafraseando o sociólogo francês, Alain Touraine, Lima defende, ainda, que todo movimento sociocultural precisa basear-se em três princípios: *o da identidade, o da oposição e o da totalidade*. Segundo o autor, pelo princípio da identidade, todo movimento deve assumir uma identidade reconhecível pelo público e por seus participantes. No princípio da oposição, o movimento sociocultural “se distingue por defender valores que não são reconhecidos pela totalidade da sociedade” (2004, p. 23). E pelo princípio da totalidade, o movimento precisa se basear em valores superiores e ideais universais como filosofia.

Estes movimentos, conforme Lima, se consolidam ao experimentarem quatro fases distintas: a da inquietação social, quando as pessoas buscam alcançar aquilo que é visto como o objetivo do movimento; o da excitação popular, na qual ainda predomina a desorientação, mas começam a se delinear as noções propostas pelo movimento; a da formalização, em que assume a forma de organização e cria suas normas, diretrizes, estratégias e disciplina; e, por fim, a fase da institucionalização, quando o movimento solidificado possui um corpo de militantes e dispõe da estrutura necessária para atingir seus objetivos. Na construção do tradicionalismo como movimento sociocultural, é possível observar todas essas fases.

No decorrer desta obra vocês poderão, ainda, entender de que formas os veículos de comunicação podem servir para a preservação da identidade sociocultural de um povo e preservar sua história, seus usos e costumes e suas tradições, projetando esse conhecimento além-fronteiras e interligando um público com interesses afins, nos mais diversos lugares do planeta, já que hoje, além do Rio Grande do Sul e do Brasil, os Centros de Tradições Gaúchas se espalham pela Europa, Estados Unidos, Oceania e na Ásia.

Além de resgatar fragmentos importantes da história do rádio no Rio Grande do Sul, especialmente relacionados aos recortes do tradicionalismo e seus principais personagens, o papel dos veículos de comunicação na divulgação e implantação do movimento tradicionalista podem revelar fatos que ainda não foram abordados em profundidade e resgatar a essência da comunicação regional, aplicando elementos de sucesso dos primeiros programas radiofônicos às programações mais atuais.

Doris Fagundes Haussen (2005) apresenta um detalhado relato sobre os primórdios da radiodifusão, enfatizando as principais mudanças dos veículos e seus comunicadores. Ela aponta uma aproximação com os ouvintes e a necessidade de interação, conceito explorado e difundido a partir do Grande Rodeio Coringa que, por ser um programa de auditório, contava com a participação do público trazendo, ainda, elementos do Teatro Farroupilha e seus grandes apresentadores. O mesmo estudo revela que até o final dos anos 50, sete programas em Porto Alegre traziam temática específica sobre o gaúcho e suas tradições. Essa tendência se estendeu até o final dos anos 70, quando eram veiculados oito programas com a temática regionalista, inclu-

sive o Grande Rodeio, que, à época, passou a chamar-se Grande Rodeio Farroupilha em Noite de Gala. Essa revisão histórica de Haussen (2005) revela elementos importantes para o resgate da relação entre o tradicionalismo e o rádio propostos neste estudo de caso.

Como no período os índices de analfabetismo ainda eram altos, nesta obra também pode-se esclarecer se tal influência se deve ao fato do rádio ser ouvido – dispensando a leitura – foi preponderante para o sucesso do tradicionalismo a partir de sua divulgação nesse veículo. Conforme dados do IBGE, em 1950, 50,5% da população brasileira – com 15 anos ou mais – era analfabeta. Na década de 60, o índice (ainda elevado) ultrapassava os 39%. Se forem considerados os analfabetos funcionais, que leem e ou escrevem, mas não conseguem interpretar – esses índices são muito maiores. Baseadas na relação dos agricultores do meio rural com o rádio, Weber e Devéns destacam, a partir de entrevistas em profundidade, a preferência deste público por determinados tipos de programações.

Entre as constatações, as autoras concluíram que o grau de escolaridade influencia diretamente no tipo de programação escolhida pelo ouvinte e na forma como assimilam as informações. Baseada nos resultados desse estudo e nas informações da época, a autora busca esclarecer de que maneira o Grande Rodeio Coringa causou impacto na vida dos ouvintes, já que o rádio era um dos poucos canais de informação, especialmente das populações do interior do estado. Ainda de acordo com o trabalho citado, as autoras destacam que a escolha de determinados programas está diretamente ligada à ideia de pertencimento dos ouvintes que se identificam com seu conteúdo, fato que corrobora com a hipótese de que o Grande Rodeio Coringa foi um importante agente na difusão do tradicionalismo.



Esta obra além de destacar os 70 anos do Grande Rodeio Coringa (1955/2025), marca o centenário de seu âncora, Darcy Fagundes, cuja memória estará eternizada em um documentário que estará nas redes sociais podendo ser encontrado ao longo dos anos na internet.

Também nos dará uma visão da história política do Brasil na primeira metade do século XX, marcada por conflitos, alianças e rupturas que moldaram o destino do país. Entre os protagonistas mais relevantes desse período, destacam-se Getúlio Dornelles Vargas e Francisco de Assis Chateaubriand, figuras que, embora tenham tido momentos de cooperação, também enfrentaram profundas divergências. Poderemos compreender as principais discordâncias entre esses dois personagens até o dia 24 de agosto de 1954, momento que marca o suicídio de Vargas, evento que encerrou uma fase de intensas disputas políticas e pessoais. A repercussão foi instantânea no Rio Grande do Sul e na história da Rádio Farroupilha e dos Diários Associados. Veremos mais no decorrer destas páginas.

Esta obra não se trata de um livro de história e nem pretende esgotar o assunto, ou ser o único referencial para quem deseje entender as comemorações farroupilhas de 2025, mas será uma fonte de consulta para facilitar a vida daqueles que fazem acontecer e se envolvem com o maior evento popular do Rio Grande do Sul: Os Festejos Farroupilhas.

*Parte do elenco da Rádio Farroupilha
(Museu Histórico Visconde
de São Leopoldo)*





O logotipo dos Festejos Farroupilhas, na época tratado como Semana Farroupilha, foi idealizado pela Agência Parla, de Porto Alegre, em 2003, à pedido do SESC, que na ocasião era parceiro na realização do evento.

A concepção do conceito tratou dos ‘Heróis Anônimos’, tema daquele ano. No entanto, a imagem se consagrou e tornou-se o logotipo oficial do evento. Por muitos anos, a logotipia também foi utilizada como marca do Acampamento Farroupilha, na Capital.



A imagem que compõe o tema de 2025 foi conceituada pelo Patrono Mário Mattos, que apesar dos 100 anos é um artista plástico renomado. E, foi vetorizada pela designer e autora do TCC sobre o Grande Rodeio Coringa, Liliane Pappen Bastos.

TEMÁTICAS DOS FESTEJOS

- 2003 – Soldado Farrapo: O herói anônimo
- 2004 – Os Ideais Farroupilhas
- 2005 – O Gaúcho: Usos e Costumes
- 2006 – Assim se fez o Gaúcho
- 2007 – Assim se movimentou o gaúcho
- 2008 – Nossos símbolos: Nosso orgulho
- 2009 – Os farroupilhas e suas façanhas
- 2010 – Farroupilhas: Ideais, cidadania e revolução.
- 2011 – Nossas raízes
- 2012 – Nossas riquezas
- 2013 – O RS no imaginário Social
- 2014 – Eu sou do Sul
- 2015 – Campeirismo Gaúcho: Sua importância cultural e social
- 2016 – A República das Carretas
- 2017 – Farroupilhas: Idealistas, revolucionários e fazedores de história
- 2018 – Tropeirismo
- 2019 – Paixão Cortes – Vida e Obra
- 2020 – Gaúchos sem Fronteiras
- 2021 – Caminhos de Anita
- 2022 – Etnias do gaúcho: Rio Grande, terra de muitas terras
- 2023 – Centenário da Revolução Assisista de 1923
- 2024 – O Centenário de Jayme Caetano Braun
- 2025 – Ondas curtas para um história longa – o centenário de Darcy Fagundes e os 70 anos do Grande Rodeio Coringa

PATRONOS E PATRONESES DOS FESTEJOS FARROUPILHAS

- 2005 – Luiz Alberto de Menezes
2006 – João Carlos D’Avila Paixão Cortes
2007 – Antonio Augusto Fagundes
2008 – Wilmar Winck de Souza
2009 – Telmo de Lima Freitas
2010 – Rodi Pedro Borghetti
2011 – Alcy José de Vargas Cheuiche
2012 – Nilza Lessa
2013 – Nésio Correa – Gildinho dos Monarcas
2014 – Benjamim Feltrim Netto
2015 – Padre Amadeu Gomes Canellas
2016 – Zeno Dias Chaves
2017 – Elma Sant’Anna
2018 – Renato Borghetti
2019 – César Oliveira
2020 – Alessandra Motta
2021 – Liliana Cardoso
2022 – Adair de Freitas
2023 – Maria Luiza Benitez
2024 – Pedro Ortaça
2025 – Mario Barboza de Mattos



*Charge do Fraga
Zero Hora 05/09/2010*



LOCAIS DE ACENDIMENTO DA CHAMA CRIOLA OFICIAL

- 2001 – Guaíba, na fazenda de Gomes Jardim
- 2002 – Laguna/SC, Distribuição em Santa Maria
- 2003 – Camaquã, na Chácara das Águas Belas,
- 2004 – Erechim, no Recanto dos Tauras
- 2005 – Viamão
- 2006 – São Gabriel, na Sanga da Bica
- 2007 – São Nicolau, 1ª redução Jesuítica
- 2008 – São Leopoldo, berço da Colonização Alemã
- 2009 – São Lourenço, no casarão de Ana Gonçalves
- 2010 – Itaqui
- 2011 – Taquara, cinquentenário da Carta de Princípios
- 2012 – Venâncio Aires – Capital Nacional do Chimarrão
- 2013 – General Câmara – Distrito de Santo Amaro
- 2014 – Cruz Alta – Terra de Erico Veríssimo
- 2015 – Acendimento internacional na Colônia do Sacramento e no Brasil a distribuição no Chui
- 2016 – Triunfo – Terra de Bento Gonçalves
- 2017 – Mostardas
- 2018 – Iraí
- 2019 – Tenente Portela
- 2020 – PANDEMIA – Não houve acendimento
- 2021 – Acendimentos regionalizados pós pandemia
- 2022 – Canguçu
- 2023 – Cristal
- 2024 – Alegrete
- 2025 – Caxias do Sul



TRADICIONALISMO GAÚCHO

Liliane Pappen Bastos

O tradicionalismo gaúcho é um movimento socio-cultural sul-rio-grandense, surgido na década de 40 do século passado, a partir de 1947, com a intenção primordial de preservar valores campesinos nos núcleos citadinos do Rio Grande do Sul. Conforme Barbosa Lessa aponta, “*caracterizava-se fundamentalmente por seu aspecto associativo: o estabelecimento de laços de solidariedade no companheirismo do fogo de chão*” (1985, p. 76).

Complementa que:

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica – mesmo que não se aperceba de tal finalidade – com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranquilidade na vida em comum. (Lessa, 1985, p.83)

Na época, efervescia no mundo a necessidade da retomada de valores. No Brasil, o estilo de vida americanizado, o *American Way of Life*, surgido especialmente após a Segunda Guerra Mundial, ganhava espaço e era amplamente divulgado pelos meios de comunicação como exemplo de felicidade e sucesso através da popularização do consumo, como nos revela Antônio Augusto Fagundes (1994 p.41 e 42). A tendência se refletia também nos recantos gaúchos, que perdiam sua identidade após a queima das bandeiras e símbolos estaduais, promovida por Getúlio Vargas entre 1937 e 1945, com a

ideia de unificação nacional. Andar pilchado na capital era motivo para ser ridicularizado. Expressões culturais como a música e literatura regionais já não tinham espaço e apenas as tendências importadas eram valorizadas.

Na mesma época, em um cenário pós Segunda Guerra Mundial, a Unesco sugeria ações de salvaguarda e preservação dos patrimônios culturais e bens imateriais e, em todo o mundo, surgiam instituições com esta finalidade.

Em 1947, em cumprimento às determinações da ONU, foi fundada a Comissão Nacional de Folclore, vinculada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e à UNESCO. No Rio Grande do Sul, a exemplo de outros estados da federação, nascia, em 23 de abril de 1948 - um dia antes da fundação do 35 CTG, portanto - a **Comissão Gaúcha de Folclore**, com o intuito de pesquisar, transcrever e preservar os usos e costumes regionais.

Nesse cenário, um grupo de jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, inicia o processo de retomada de valores. João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes (1994, p. 40) relata que:

[...] decênio de 40 refletia essa situação: próximo ao Colégio Júlio de Castilhos existia um barzinho, frequentado por indivíduos de vida comum. O proprietário, para tapar o vidro de uma janela situada entre garrafas de cachaça e pacotes de cigarros, utilizava como cortina uma bandeira do Rio Grande do Sul rasgada diante dos meus veementes protestos, o dono do bar surpreso, desculpou-se dizendo que não sabia o significado daquele pano encardido: era o pavilhão tricolor do Rio Grande.

Essa insatisfação, associada à necessidade premente do sentimento de pertencimento e identidade de jovens do interior, definida pelo autor como “angustia de raiz” (1994, p.40), que não se viam representados nas mudanças sociais da época, levou Paixão Côrtes, que fazia, à época, parte do Grêmio Estudantil do Julinho – como era conhecido o colégio – e outros colegas, posteriormente chamados Grupo dos Oito – a erguerem-se não contra as coisas do desenvolvimento, mas a favor da preservação e valorização dos valores e costumes regionais. Jocelito Zalla (2018) descreve essa, como a narrativa consolidada sobre a origem do Movimento Tradicionalista, entretanto, antes da federação, foi necessário o despertar identitário apontado por Lessa e Côrtes.

Sobre o pertencimento inerente ao ser humano, Lessa afirma que “o indivíduo sente a necessidade de companheirismo, do encorajamento e da segurança emocional, proveniente do fato de pertencer a uma unidade social coesa cujos membros compartilham as mesmas ideias e padrões de comportamento” (1985, p.59).

Para Manoelito Carlos Savaris (2008), tomados desse sentimento, os estudantes, oriundos de diversos municípios do interior do estado, fundaram um Departamento de Tradições Gaúchas. Conforme o autor, ainda em 1947, os jovens realizaram a primeira Ronda Crioula – nome dado pelo próprio Paixão Côrtes, em alusão às rondas para cuidar o gado, realizadas nas estâncias, como nos conta Côrtes (1994) – que se estendeu de 07 a 20 de setembro, e, mais tarde, deu origem aos festejos conhecidos como Semana Farroupilha.

De acordo com Savaris (2008), ao buscarem apoio junto à **Liga da Defesa Nacional**, responsável pela programação da Semana da Pátria – maior evento de cunho

patriótico do período e que em 1947 homenageava os pracinhas brasileiros na Segunda Guerra – para a extração de uma centelha da Chama da Pátria – que seria levada ao Colégio Júlio de Castilhos e, colocada em um candeeiro crioulo, guardada até o dia 20 – momentos antes de sua extinção, no dia 07, foram desafiados pelo presidente da entidade Major Darcy Vignoli a, no dia 05 de setembro, acompanharem, a cavalo, a urna funerária com os restos mortais do líder farroupilha Davi Canabarro, transladada de Santana do Livramento para a capital gaúcha. O grupo de oito jovens pilchados – formado por João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira, Antônio João Sá de Siqueira, Orlando Jorge de Grazzia, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilço Campos e Cyro Dias da Costa – acompanhou o cortejo pelas ruas da capital.

Entretanto, no dia 07, apenas três compareceram – Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira e Fernando Machado Vieira. Coube a Paixão Côrtes a captura da centelha que daria início ao movimento tradicionalista. Durante os dias seguintes, de acordo com Antônio Augusto Fagundes (1994, p. 41), o Julinho foi palco de uma programação que incluía concursos literários, bailes gauchescos com concurso de danças e trajes, concursos de fotografia e desenho, provas campeiras e publicação de artigos no Jornal do Julinho, em um claro resgate às coisas regionais.

O movimento nascente cumpria seu papel fundamental como agregador de uma identidade sociocultural que fortalecia suas raízes e combatia a importação da cultura norte-americana.

Ao analisar a iniciativa, Jacks (2003) afirma que o tradicionalismo foi uma segunda fase nas tentativas de preservação cultural, antecedida por movimentos polí-



ticos e sociais como a fundação do Partenon Literário, em 1868, o Grêmio Gaúcho de Cezimbra Jacques, em 1898, e o regionalismo literário da década de 1920, em-
basado especialmente nos escritos desses movimentos e na obra de João Simões Lopes Neto, que retratou com riqueza de detalhes os valores rio-grandenses.

A autora segmenta a iniciativa a partir da fundação do 35 CTG, em 24 de abril de 1948. Baseada na obra de Barbosa Lessa, considerado o grande pensador do tradicionalismo e fundador da entidade pioneira, Jacks destaca:

O 35, nome dado em homenagem à Revolução de 1835, foi estruturado com bases idênticas as que hierarquizam a estância, propriedade rural de grande extensão, ou seja, com patrão, capataz, sota-capataz, agregados, posteiros, correspondendo aos títulos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretor. Os conselhos consultivos ou deliberativos foram chamados de Conselho de Vaqueanos e os departamentos de invernadas (JACKS, 2003, p.36).

A partir da fundação do 35 CTG e do sucesso da Ronda do ano anterior, a disseminação do tradicionalismo como filosofia de preservação da identidade gaúcha e valorização dos símbolos regionais começa a ser vista como uma necessária retomada de valores, que Côrtes (1994) descreve como reagauchar-se.

Nesse contexto, os jovens pioneiros defendiam os valorosos feitos do Decênio Farrapo como exemplo para o movimento nascente e enalteciam os líderes farroupilhas como ícones de resistência para o gauchismo.

Espelhavam-se também nos grandes nomes da história recente como Júlio de Castilhos e bebiam da

fonte de grandes escritores contemporâneos como Manoelito de Ornellas. Assim, Lessa nos conta:

Ao contrário do movimento literário de 30 anos antes, não pretendemos escrever sobre o gaúcho ou escrever sobre o galpão: desde o primeiro momento encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, e nos sentimos donos do mundo quando nos reuníamos, sábados à tarde, em torno do fogo de chão. (LESSA, 1985, p.59)

Lessa aborda em sua obra, uma série de lacunas que precisaram ser supridas. Conforme Eric Hobsbawn e Terence Ranger (2006), toda tradição é inventada, passando por um processo de aceitação popular e posterior transferência às novas gerações. Baseado nesse conceito, Lessa (1985) descreve:

Mas éramos tradicionalistas. Gente mantendo ativamente no presente aspectos do passado, com vistas ao futuro. Quando algum elemento faltasse para nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito outro. Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivesse nos vestidos a gaúcha?

Assim como a pilcha, designação dada aos trajes, no terreno das canções também faltavam referências. O autor afirma que compositores e cantores da música regional eram uma raridade e que, praticamente, só a canção folclórica Boi Barroso era conhecida à época.

A poesia, o cumprimento (aperto de mão) e o próprio vestido das prendas, introduzidas ao movimento apenas em 1949, após a visita de uma comitiva gaúcha às Sociedades Criollas no Uruguai, precisaram de adaptações criativas para o tradicionalismo. As mulheres só



integraram o tradicionalismo depois que Lessa e Côrtes acompanharam as apresentações realizadas em Montevideu, durante as comemorações del dia de la tradicion, e só então perceberam que faltava uma parte importante desse resgate: a dança (*El Pericon*).

Nesse aspecto, Lessa evidencia que foi necessário reconstruir “pedaços de coreografia que havíamos farejado aqui e ali: o “Caraguejo” e o “Pezinho” (1985, p.71).

Após a fundação do 35 CTG, “considerado como sendo uma “Estância Simbólica” (CÔRTEZ, 1994, p. 145), dado como primeiro impulso do movimento de resgate dos valores gaúchos, chegava o momento de disseminar a ideia, levando seus preceitos, através do modelo pioneiro, às cidades do interior do estado. A proposta era a de fundação de núcleos de cultura para a retomada da vivência campesina e a valorização do homem do campo e dos laços do gaúcho com a terra. No entanto, Lessa relata que:

No interior a ideia foi se espelhando mui lentamente. Em 48 surgiu o Fogão Gaúcho, de Taquara. Em 49, o CTG Minuano, de Iraí. Em 50 nosso companheiro Vilmar “Provisório” de Souza voltou para Palmeira das Missões e lá fundou 35 local; enquanto Osvaldo Lessa da Rosa, que visitara várias vezes nosso galpão em Porto Alegre, reunia amigos para fundar um CTG em Pelotas, ao qual foi dado nome de União Gaúcha em homenagem à antiga agremiação de Simões Lopes Neto. Em 51 surgiu o CTG Bento Gonçalves, em Itaquí. Em 52 tivemos alegria de ver núcleo brotando em plena zona agrícola teuto-rio-grandense: o Centro de Tradições Gaúchas de Sapiranga. Nesse mesmo ano fundavam-se o Lalau Miranda, de Passo Fundo, o Ponche Verde, de Santa Maria, o Galpão Campeiro, de Erechim, e o 93, de Bagé (LESSA, 1985, p.76).

O autor afirma que só após a aproximação com os veículos de massa, já na década de 1950, é que o tradicionalismo começou a se irradiar, conforme o desejo de seus pioneiros.

Até aí o movimento difundira-se utilizando apenas os recursos da comunicação interpessoal, num proselitismo “de boca”. Mas a partir de 1953 começamos a nos valer dos veículos de comunicação em massa, com resultados extraordinários. Os dois principais canais de informação foram o Diário de Notícias e a Rádio Farroupilha. No Diário de Notícias, a coluna (e depois página inteira) “Tradição” noticiava para todo o Estado o surgimento e desenvolvimento de novos CTGs; noticiário este mantido com muito dinamismo pelo jornalista Sady Scalante. E na Rádio Farroupilha o programa “Grande Rodeio Coringa” chegaria obter audiência estadual absoluta nos domingos à noite (semelhante ao programa de TV “Fantástico” de nossos dias); foram seus animadores, criando escola, os jovens Paixão Côrtes, Darcy Fagundes, Luiz Menezes e Dimas Costa. (LESSA, 1985, p.76 e 77)

É nesse período que ocorre, também, o despertar da música regional, até então praticamente inexistente. De acordo com o autor, duas vertentes musicais nascem desse cenário. Uma “linha tradicionalista, com temas e harmonias mais trabalhadas, competindo com as demais expressões da música urbana nacional internacional” (LESSA, 1985, p. 77) e outra mais “regionalista, com temas e harmonias mais singelas competindo com a música sertaneja produzida no centro do país” (LESSA, 1985, p. 78).

No entanto, o crescimento almejado pelo grupo de jovens estudantes do Julinho, que traria à luz a valorização do gaúcho, enquanto figura simbólica, e sua et-



nografia, trouxe também muitos desafios. Em sua obra, Cirne (2017, p. 48) destaca um dos principais obstáculos enfrentados pelos tradicionalistas pioneiros. Em 1954, por ocasião do 1º Congresso Tradicionalista, Cirne (2017, p. 49 e 50) elenca a existência de 41 entidades tradicionalistas esparramadas pelo estado. De acordo com o autor, entre as entidades, os pensamentos divergiam quanto à finalidade do movimento. Enquanto alguns defendiam que os CTG deviam ter uma preocupação cultural, referindo à cultura escolarizada como a História, Literatura e Folclore, outros acreditavam na defesa da cultura popular não-institucionalizada, como a preservação dos causos e das manifestações espontâneas. Outros, ainda, temiam que o tradicionalismo se voltasse apenas ao entretenimento dos bailes e outras atividades. E havia aqueles que condenavam a ‘popularização’ do tradicionalismo buscando elitizá-la.

Tantos conceitos desembocavam em uma encruzilhada sobre qual rumo o tradicionalismo deveria seguir. De acordo com Lessa, “todos eram concordes, porém, num ponto: que as escolas – principalmente escola primária – não deveria permanecer tão alheada da realidade, especialmente da realidade rural” (1985, p.80).

Para dar um rumo às entidades e debater as possibilidades, foi convocado o 1º Congresso Tradicionalista em 1954, na cidade de Santa Maria sob a presidência de Manoelito de Ornellas. Nessa ocasião, pairava entre os tradicionalistas a dúvida sobre qual dos dois rumos seguir: a qualificação cultural ou a massificação popular. Para Lessa não havia nenhuma dúvida. Jacks destaca que durante o 1º Congresso, Barbosa Lessa apresentou a tese que daria relevância ao encontro, O sentido e o valor do tradicionalismo, “baseada nas coordenadas teóricas da Escola Sociológica de Chicago [...] e que, re-

sumidamente propõe o fortalecimento dos grupos locais” (2003, p. 42). Tal tese ainda hoje fundamenta o movimento. Segundo Lessa:

Quando a cultura de determinado povo é invadida por novos hábitos e novas ideias, duas coisas podem ocorrer. Se o patriotismo tradicional é coerente e forte, a sociedade somente tem a lucrar com o contato, pois sabe analisar, escolher e interpretar em seu seio aqueles traços novos que realmente sejam benéficos. Se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: ideias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnordeando os indivíduos e fazendo-os titubear entre as crenças e valores mais antagônicos. Crescendo nessas circunstâncias, a criança e o adolescente não são capazes de assumir, em seu espírito, qualquer expectativa clara de comportamento. E assim se originam, entre outros, os problemas de delinquência juvenil. (LESSA, 1985, p.81).

Ele defende, ainda, que:

O movimento tradicionalista rio-grandense visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. Através da atividade artística, literária, recreativa ou esportiva – sempre realçando os valores tradicionais – procurar reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do carro de nossa época. E, através dos Centros de Tradições Gaúchas, procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do grupo local que ele perdeu ou teme perder: o pago. Mais que o seu pago, o pago também das gerações que o precederam. Cada CTG, em si, é um novo grupo local; e à medida que surgem novos CTGs, em todos os municípios do Rio Grande do Sul, vai o tradicionalismo confundindo-se com o Regionalismo,



pois opera para que todos os indivíduos que compõem a mesma região sintam os mesmos interesses, os mesmos afetos, e desta forma reintegrem a unidade psicológica da sociedade regional. (LESSA, 1985, p.82/ 83).

Para Lessa (1985) o tradicionalismo deve ser um movimento popular e não apenas intelectual, mesmo que em essência seja compreendido apenas pelos estudiosos de seus conceitos. Segundo o autor, para se perpetuar, o tradicionalismo precisa ser sentido, desenvolvido e vivenciado entre as camadas mais populares como “nas canchas de carreiras, nos auditórios das rádios pessoas, nos festivais e bailes populares” (1985, p.83).

De acordo com o autor, o “tradicionalismo não se confunde com folclore, literatura, teatro, recreação, etc. Tudo isso constitui MEIOS para que o tradicionalismo alcance seus fins” (LESSA, 1985, p. 83). E defende que o movimento pode servir de amparo moral e social ao homem do campo, evitando que a tradição torne-se uma fantasia, levando o gaúcho a tamanho desajuste social que não mais se identifique e reconheça. Segundo Lessa (1985), o tradicionalismo pode contribuir para a permanência do homem no campo, prevenindo o êxodo rural e confiando ao campestino a importância de seu status, por meio de sua valorização como progenitor de toda uma linhagem de gaúchos.

A partir desse primeiro congresso, outros encontros marcaram a fase de consolidação do movimento. No segundo Congresso foi ventilada a possibilidade, proposta por Fernando Brocksted, de criação de uma federação que coordenasse as entidades tradicionalistas. Enquanto a ideia era avaliada, por ocasião do sexto Congresso, Getúlio Marcantônio apresentou a tese de

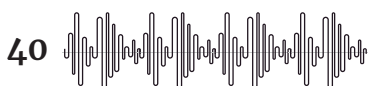
criação de um Conselho Coordenador do Movimento Tradicionalista. No oitavo Congresso, realizado em Taquara, em 1961, nasce a Carta de Princípios, documento pétreo do tradicionalismo redigido por Glaucus Saraiva. Somente no 12º Congresso, no ano de 1966 em Tramandaí, nasce a federação que coordena as entidades filiadas: **o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)**.

Para Glaucus Saraiva (1968 apud NILDA JACKS, 2003, p.43) o conceito de tradicionalismo:

é um sistema organizado e planejado de culto, prática e divulgação desse todo que chamamos tradição. Obedece a uma hierarquia própria, possui alto programa contido em sua Carta de Princípios, que deve, na medida do possível, realizar e cumprir. Tradição, comparativamente, é o campo das culturas gauchescas (sic). Tradicionalismo, a técnica da criação, semeadura, desenvolvimento e proteção de suas riquezas naturais, através de núcleos que se intitulam CTGs.

A partir desse conceito, Jacks (2003 p. 43) questiona a relação entre o folclore e o tradicionalismo e afirma que o segundo não permite as mutações comuns ao estado simbólico do primeiro, ou seja, ao contrário do folclore, que apesar de seus elementos de tradicionalidade, se altera com a influência e aceitação popular de suas variações, o tradicionalismo segue praticamente imutável e resistente a qualquer tipo de modificação. Tal questionamento se dá, justamente, pela conceituação do tradicionalismo como movimento, que, por definição, não deveria ser estanque.

Amparado por essa análise contemporânea, Lessa (1985, p. 105) defende que, “ciclicamente, de 30 em 30 anos, surge algum movimento de jovens em defe-



sa da gleba e das tradições”. Assim, após uma geração, o nativismo, movimento musical da década de 80, que alcançou o auge com os festivais como a Califórnia da Canção, foi também uma das manifestações de preservação do ser gaúcho e do telurismo intrínseco aos sul-rio-grandenses, carinhosamente alcunhados de gaúchos.

Nesse aspecto, Côrtes (2015) afirma que “ser gaúcho não é um nascer, mas um querer ser. É um estado de espírito¹”.

Atualmente, só no Rio Grande do Sul, mais de 1700 entidades filiadas – e outras tantas de maneira informal – divididas em 30 Regiões Tradicionalistas, trabalham para a preservação dos valores regionais e mantêm vivas, em cada um dos 497 municípios do estado, os rituais de preservação da identidade gaúcha. No Brasil, são quase três mil entidades em diversos estados e outras tantas espalhadas pelo planeta, com representação nos Estados Unidos, Europa, Oceania e China.

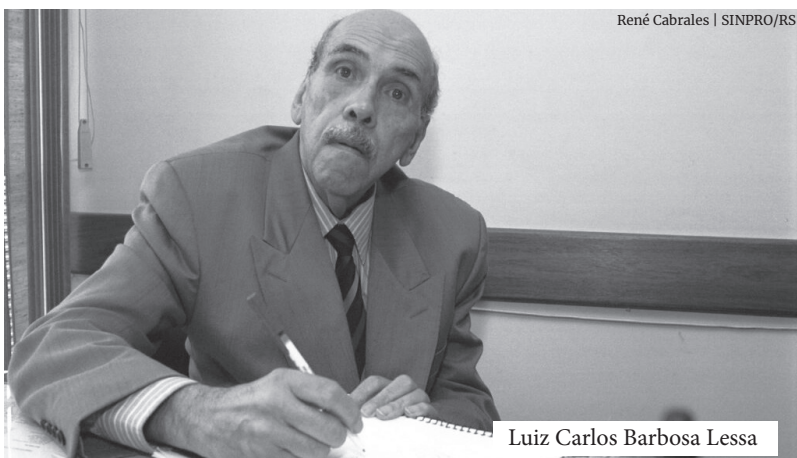
Considerado pela UNESCO um dos maiores movimentos socioculturais organizados do mundo, um verdadeiro exército de voluntários – formado por jovens, idosos e crianças – veste os trajes típicos e reproduz de maneira fiel as tradições, usos e costumes campestres incorporados ao modo de viver citadino, em um processo de representação simbólica.

O Movimento Tradicionalista possui uma agenda anual de grandes eventos como o Congresso Tradicionalista, que reúne os representantes das entidades para, anualmente, eleger o Conselho Diretor da federação, a Convenção, na qual são discutidas as normas e regulamentos, a Fecars – festa campeira que atinge os tradicionalistas dedicados às lidas campeiras, o Enart – maior encontro amador da América Latina, que recebe

declamadores, dançarinos, músicos, trovadores e chuleadores para uma disputa de aptidão e talento artístico, Entrevero Cultural de Peões e Ciranda Cultural de Prendas, que escolhem, anualmente, os representantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, entre outros.

Além disso, diversos departamentos de pesquisa e difusão, nas áreas artísticas, campeiras e culturais são responsáveis pelo fomento das informações e apoio às entidades, como forma latente de preservação dos usos, costumes e tradições regionais. É no Centro de Tradições Gaúchas que os militantes do tradicionalismo encontram espaço e ambiente para reviver – com certo saudosismo – um tempo e costumes que nem sequer chegaram a conhecer.

A partir deste contexto, entende-se como tradicionalismo, o movimento sociocultural nascido no final da década de 1940 – consolidado como federação em 1966 – criado a partir da inquietação de um grupo jovens que buscavam a preservação valores culturais, tradições e costumes do povo gaúcho, assim como o respeito dos militantes para com a causa, conforme defendem Côrtes (1994) e Lessa (1985).



O RÁDIO – UM BREVE PANORAMA

Liliane Pappen Bastos

A história do rádio tem seu início datado ainda no século XIX. Por volta de 1860, James Maxwell, físico escocês, descobriu a existência de ondas de rádio, as mesmas que fariam do veículo, um dos meios de comunicação de massa. O físico italiano Guglielmo Marconi patenteou, em 1896, a transmissão/recepção eletrônica dos sinais telegráficos em código Morse. Acredita-se que ele criou o primeiro aparelho de rádio conhecido no mundo, partir de pesquisas sobre indução eletromagnética, realizadas por Michael Faraday, em 1831, e de ondas eletromagnéticas descobertas pelo físico alemão Heinrich Hertz, em 1888.

Entretanto a propriedade sobre a invenção ainda gera controvérsias.

Alguns pesquisadores atribuem o feito ao sérvio Nikola Tesla, inventor dos equipamentos utilizados por Marconi para sua experiência, fato reconhecido 40 anos após o patenteamento da invenção pela justiça.

A primeira transmissão de voz humana registra-se data de 1906, na véspera de Natal, quando o engenheiro canadense Reginald Fessenden transmitiu um “Concerto de Natal” para os tripulantes dos navios da United Fruit Company. Esse feito, no entanto, também é contestado, assim como o pioneirismo de Marconi e Tesla. Apesar de não ter o devido reconhecimento por seu pioneirismo, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura realizou em 1893 – dois anos antes de Marconi, portanto – a primeira transmissão de rádio no Brasil. Fato que não chegou a ser comprovado. A ele também foi atribuída a primeira transmissão da voz humana.

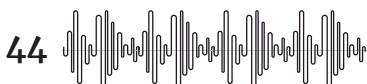
O certo é que o Landell de Moura foi pioneiro em outro assunto: em 1890, fez a primeira demonstração pública da transmissão de voz via ondas de rádio. Ou seja, na prática, inventou o telefone sem fio. O experimento foi em São Paulo e documentado em jornais da época. (PETERSEN, 2019)

Nascido em Porto Alegre, em 21 de janeiro de 1861, o inventor gaúcho é considerado um dos pioneiros das telecomunicações no mundo. Desde muito jovem apresentava traços de genialidade, mas, convencido pelo irmão, viajou para Roma, onde abraçou a vocação religiosa e tornou-se padre. Aliás, a religião foi um dos seus carrascos quando, em 1900, repetiu publicamente seus experimentos.

Alguns religiosos se indignaram quando souberam que um padre estava fazendo “bruxarias”. Dois dias depois da demonstração, meia dúzia de fiéis invadiu o modesto laboratório do religioso para quebrar todos os seus aparelhos. (CAMPOS, 2017)

Apesar de ter despertado o interesse de investidores americanos, Landell de Moura acreditava que suas invenções pertenciam ao Brasil, por isso, em nome de seu patriotismo recusou as ofertas recebidas. Entretanto, em seu país natal, nunca recebeu sequer o merecido reconhecimento.

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica marcou a o centenário da Independência, celebrada com uma exposição internacional, em 07 de setembro de 1922. Na ocasião, além do discurso do presidente da República Epitácio Pessoa, a transmissão experimental contou com a música clássica da ópera ‘O Guarani’, de Carlos Gomes.



RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL

Apesar do pioneirismo do gaúcho Landell de Moura, no Rio Grande do Sul, o rádio só chega a partir de 1924. Conforme Luiz Artur Ferraretto (2002, p. 24):

A rádio difusão sonora surge no estado em um contexto histórico muito particular, no qual predomina, no plano político, a ideologia positivista, transposta também para a vida social pela transformação do cenário urbano em um anseio de afirmação da modernidade pretendida pela elite da época.

O autor defende que nesse período, o positivismo adotado pelo Partido Republicano Rio-Grandense por meio de Júlio de Castilhos no final do século XIX é lastro para que os integrantes da burguesia organizassem as primeiras entidades transmissoras, especialmente nas duas cidades mais desenvolvidas do estado: Porto Alegre e Pelotas.

Baseado em exemplos de emissoras do Rio de Janeiro, São Paulo e países do Rio da Prata, especialmente Uruguai e Argentina, o Rio Grande do Sul inicia o processo de radiodifusão sonora em 1924, ou seja, pouco tempo depois de chegar ao Brasil, o rádio alcança o estado.

Por tratar-se de um processo novo e pouco conhecido, com custos elevados, já que, além dos equipamentos, que eram, em sua maioria importados, também eram cobradas taxas significativas pelo governo para a obtenção da licença, os entusiastas da radiodifusão unem-se em associação para viabilizar o projeto. Conforme Haussen (2005), inicialmente, o trabalho era realizado por um *speaker*, mais tarde rebatizado de locutor, que lia os informes e comunicados.

Apesar de ainda persistir a ideia, inclusive reforçada pela Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert), de que a radiodifusão surgiu, inicialmente, em Pelotas, com a Sociedade Rádio Pelotense, em 1925, e que, em Porto Alegre, o início teria se dado pela Rádio Sociedade Gaúcha, em 1927, Luiz Octávio Vampré (1979) desmente essa informação, afirmando que no dia 03 de abril de 1924, a Rádio Sociedade Rio-Grandense declara publicamente suas intenções. Em seguida, o autor cita que na página 05 de “A Federação” de 08 de setembro de 1924, seguida da programação inaugural, a manchete noticiava com destaque: A radiotelephonia entre nós – inauguração da R.S.R (Rádio Sociedade Riograndense) suas primeiras irradiações:

Inaugurou-se ontem, às 21 horas, num dos salões da Vila Diamêla, gentilmente cedido pelo Sr. Cel. Juan Ganzo Fernandez, a novel Rádio Sociedade Riograndense, fundada por amadores residentes nesta Capital. O sr. Eduardo Guimarães saudou o Presidente do Estado e demais autoridades afirmando: “já não há, conquista de nossa época, distâncias invencíveis, e as antigas mosidades do tempo foram abolidas”. (VAMPRÉ, 1979, p, 36)

Mas o empreendimento não durou muito. Conforme registros da imprensa da época relatados por Ferrareto, as transmissões ocorreram entre os meses de setembro e novembro de 1924, sendo que, “as mais importantes estavam relacionadas com a comemoração do centenário da imigração alemã, amplamente incentivada pelo governo estadual” (FERRARETO, 2002, p. 50).

Na ocasião ocorreu a primeira experiência de transmissão externa da radiodifusora de Porto Alegre, diretamente do Theatro São Pedro. No dia 23 de outubro, a Rádio Sociedade Rio-Grandense transmitiu um espetáculo

apresentado pela Companhia Alemã de Operetas Modernas Urban & Lessing, e dois dias depois, irradiou a opereta O primo lá das Índias, de Eduard Kuennecke, ambas relativas à comemoração do centenário da imigração alemã.

De acordo com Ferraretto, os últimos registros de transmissão da Rádio Sociedade Rio-Grandense datam de novembro daquele ano e suas atividades só tornaram a ser notícia em abril de 1925, confirmando a hipótese de interrupção nas atividades. Entretanto, o reinício das irradiações, marcada para maio de 1925, não chegou a ocorrer. Conforme Octávio Augusto Vampré:

A Rádio Sociedade Rio-Grandense procurou seguir o modelo da época, implantado no Rio por Roquette Pinto, rádio amadorismo e associativo. Cada um dos seus 300 sócios deveria contribuir com mensalidade de cinco mil réis. Nem sempre pontuais nas contribuições, o sócios deixaram a empresa com sérios problemas econômicos. Partiu-se para o debate sobre as conveniências ou não desse apelar ao comércio. Esse foi voto vencido. Pretendeu-se fidelidade aos princípios exclusivamente culturais ditados pelo fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (VAMPRE, 1979, p. 37)

Além dos problemas financeiros provenientes dos associados, a criação de novas taxas em novembro de 1924 também agravou a situação da Rádio. Apesar disso, essa iniciativa da radiodifusão foi pioneira no estado. O autor afirma que:

Apesar de sua curta duração, no entanto, a rádio sociedade Rio-Grandense foi, sem dúvida, a primeira tentativa de repetir em Porto Alegre as experiências levadas a cabo na época em outros centros. Mais do que isso, aumentou a curiosidade a respeito do novo veículo de comunicação. (FERRARETTO, 2002, p. 52)

O segundo intento da radiodifusão gaúcha ocorre no ano seguinte. De acordo com Vampré, em agosto de 1925, na cultural e economicamente pulsante Pelotas, nasce a Sociedade Rádio Pelotense, que realiza sua primeira transmissão em 25 de agosto de 1925, com apresentação de Alberto Gomes.

As primeiras transmissões ocorreram de maneira experimental e sem grande divulgação. E é a partir da transferência da associação para o Clube Comercial, em 1928, a então Sociedade de Rádio Pelotense passa a transmitir efetivamente. Na programação, números de canto lírico, música erudita e popular, com transmissões contínuas geralmente das 21 às 23 horas, nas quartas-feiras e domingos.

Conforme Vampré, a Sociedade Anônima Rádio Pelotense merece outro destaque “porque teve uma estrutura *sui generis* e assumiu, desde logo, uma feição dinâmica de rádio comercial, disposta a se manter em bases mais sólidas do que líricas” (1979, p.39).

Seguindo a nova tendência da comunicação a distância, em 1927 nasce a Rádio Sociedade Gaúcha. Depois do fracasso da tentativa promovida pela a Rádio Sociedade Rio-Grandense, os adeptos da radiotelefonia sentiram-se órfãos. Em contrapartida, conforme Ferraretto (2006) “*Buenos Aires cada vez melhorava mais as suas broadcastings e aumentava o número delas*”.

O autor destaca que as emissões da região do Prata e do centro do país mantinham os adeptos mobilizados. São eles que se articulam para que a capital gaúcha volte a ter uma estação de transmissão e, conclamados por uma espécie de manifesto publicado no Correio do Povo, empreendem na fundação da nova emissora. Os envolvidos no projeto acreditam na capacidade da capital de manter uma ampla programação conforme relata Ferraretto:

Na parte informativa, jornais como Correio do Povo, Diário de Notícias e A Federação já tinham manifestado “o oferecimento de fazerem transmitir pelo rádio as suas mais palpitantes notícias”, ao que seriam acrescentadas a hora oficial e a previsão do tempo. Para as emissões artísticas, o Conservatório de Música e a Banda Municipal forneceriam “elementos capazes de fazerem honra a qualquer cidade”. Contariam ainda com a participação de professores particulares e de seus alunos, sem falar das diversas orquestras das casas de diversão da cidade. Segundo a mesma fonte, o custo de uma estação transmissora variava de 10:500\$000 (10 mil e quinhentos mil-réis) a 120:000\$000 (120 contos de réis). Mesmo que os valores fossem consideravelmente altos na época, o autor do artigo acreditava que os amadores da radiotelefonia tinham condições de juntar os recursos necessários para a compra de uma estação de 50 W de potência, com alcance médio de 70 km. (FERRARETTO, 2002, p. 74).

Segundo Sérgio Roberto Dillenburg (1990), depois de duas reuniões funda-se, em 08 de fevereiro de 1927, a Rádio Sociedade Gaúcha – A voz dos Pampas – que seria instalada em um quarto no último andar do Grande Hotel, no centro da capital. A inauguração festiva ocorreu em 19 de novembro do mesmo ano. Foi também a Rádio Gaúcha que, em 1932, fez a primeira transmissão a longa distância, quando irradiou diretamente de Caxias do Sul a primeira edição da Festa da Uva. A partir de sua aquisição por **Maurício Sirotsky Sobrinho e Arnaldo Ballvé**, em 03 de julho de 1957, se tornou o embrião do Grupo RBS. Atualmente, é referência no segmento radiofônico nacional.

Ferraretto relata que até o início dos anos 30, era degradante para o veículo fazer anúncios, já que se mantinha o idealismo da elite na radiodifusão, mas a partir de 1933/34, a veiculação de comerciais começa a ser revista.

Isso porque em 1932, o governo federal regulamenta a publicidade pelas emissoras de rádio. Com um modelo de negócios diferente, a Rádio Difusora Porto-Alegrense, fundada em 27 de outubro de 1934, começa a transmitir de maneira experimental entre os meses de setembro e outubro e apresenta uma grade mais popular e comercial. Seu surgimento estaria atrelado a um embate entre o gerente da Casa Coates, Arthur Piazzoli, e o agenciador de reclames da Gaúcha, Nilo Ruschel. Diante da negação de Ruschel sobre um anúncio que Piazzoli queria veicular, ele decide criar uma nova emissora e, para o intento, conta com a anuência do proprietário da loja, Cristóbal Coates.

A emissora, mesmo em caráter experimental, já apresenta uma postura diferenciada em relação aos veículos da época. Conforme Vampré, “deliberadamente, a Rádio Difusora Portoalegrense lançou-se à programação popular, pouco explorada pela Rádio Sociedade Gaúcha, que só esporadicamente fugia à sua linha elitista” (1979, p. 58). Algumas das transmissões ocorriam diretamente de bares e cafés no centro da capital, popularizando a Difusora e iniciando um outro processo que mudaria a forma de fazer rádio: a interação com os ouvintes.

Em mais um ato de pioneirismo inspirado nas lacunas deixadas pela concorrência, a Difusora instala, em 1937, um auditório junto ao seu estúdio para receber o público durante a transmissão de suas principais atrações.

Em 1944, a Difusora foi adquirida por Assis Chateaubriand e passou a integrar os Diários e Emissoras Associados. Piazzoli, no entanto, nunca se afastou das atividades comerciais e de comunicação, até a data de sua morte em 1949, aos 41 anos.



Em 1935, o Rio Grande do Sul ganha um reforço importante na radiodifusão sonora, com a fundação da Rádio Sociedade Farroupilha. O nome é uma homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha, celebrado naquele ano. De propriedade da família do então, governador do estado, general José Antônio Flores da Cunha, a rádio, inaugurada em grande estilo no dia 24 de julho, carregava o cunho político implícito na relação com o chefe do Executivo. Com um transmissor de 25 kW, a rádio era considerada a mais potente do Rio Grande do Sul e uma das que possuía o maior alcance do país.

Ferraretto destaca, ainda, que “a ideia de utilizar politicamente o jornal e o rádio para interferir na opinião pública, no entanto, não teria partido do patriarca da família, mas sim de seu filho Luiz Guerra Flores da Cunha” (2002, p.118).

Boa parte do crescimento da Rádio Farroupilha se deve a Arnaldo Ballvé, sócio da empresa criada pelos irmãos Flores da Cunha e diretor da emissora. Vampré (1979) afirma que Balvé superou sua inexperiência no setor radiofônico com sua paixão sem restrições pelo rádio. Com sua experiência administrativa e paixão pelo trabalho estava sempre atento aos detalhes da programação. A ele, que usava o pseudônimo de Carlos Meyer, são atribuídas diversas inovações na programação.

Passando por uma séria crise financeira, graças ao posicionamento político da família proprietária, em maio de 1943, a emissora foi adquirida por Assis Chateaubriand e incorporada aos Diários e Emissoras Associados, sendo administrada a partir de então por João Freire.

Com um *cast* próprio, formado por orquestra e atores, nem mesmo as dificuldades impostas pela Segunda

Guerra Mundial comprometeram o trabalho da rádio que, contrariando o cenário, inovou nas transmissões externas, promovendo clubes e instituições com narrações diretas do local. De acordo com Ferraretto, em 1944 surge um novo modelo de programação, resultado da incorporação da Farroupilha ao conglomerado de Assis Chateaubriand.

Chegava ao fim o tempo dos quartos de hora, preenchidos por uma única atração o microfone. A organização do conteúdo passa a basear-se nos programas, que começam a predominar como unidades coesas e independentes dentro do conjunto de radiações. (FERRARETTO, 2002, p. 162)

Conforme Haussen (2010), com a publicidade já consolidada como fonte de recursos e a tecnologia existente, a mudança significa a ruptura com os modelos ultrapassados das décadas de 20 e 30.

A partir de então, o desenvolvimento tecnológico possibilitaria o surgimento e a disseminação de inúmeras emissoras pelo país. Neste sentido, um marco seria a criação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1936, que se tornaria um modelo e marcaria presença em todo o território nacional através de sua programação. Principalmente após 1940, quando foi encampada pelo governo Getúlio Vargas, junto com o espólio da antiga Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e as empresas a ela pertencentes. Entre estas estavam a Rádio Nacional, o jornal A Noite e a Rio Editora. Desde então, a emissora passaria a contar com o apoio financeiro do governo e da publicidade comercial. Este fato faria com que pudesse dispor da tecnologia mais avançada da época, dos melhores artistas, radialistas e técnicos, tornando-se um paradigma por vários anos. (HAUSSEN, 2010)



Outra inovação que chega com a mudança são os *spots* e *jingles*, adotados a partir da década de 40 nos anúncios publicitários, seguindo o modelo americano.

Caracterizadas pelo imprevisto, nas emissoras a diversificação segue sendo uma marca. Além dos programas de auditório e do radioteatro, o esporte, as variedades e o jornalismo ganhavam espaço na grade.

De acordo com Dillenburg (1990), apoiada sobre grandes nomes da comunicação no Rio Grande do Sul, a Rádio Farroupilha foi a pioneira no radioteatro, ao criar o Teatro Farroupilha e apresentar *sketches* com o casal de atores Peri Borges e Estelita Bel, além de outros grandes nomes da interpretação e de escritores como Érico Veríssimo e Josué Guimarães. O tradicional Repórter Esso, destacado por Haussen (2010) como referência ao jornalismo no rádio, também nasceu, em 16 de julho de 1942, na Rádio Farroupilha, que durante a década de 1940 foi referencial, também, em radionovelas.

O modelo é adotado por outras emissoras, que a partir da década de 1950 entram de consolidação, já que no interior do estado, o método mais eficiente de acesso às notícias é pelas ondas do rádio.

Seja na capital, seja no interior, o rádio volta-se a todo o público passível de ser atingido pelas irradiações. Sem se preocuparem com as diferenças significativas que possam existir entre os ouvintes em potencial e oferecendo uma programação semelhante a das concorrentes – a não ser pelo capital disponível empregado por uma ou por outra –, os dirigentes das estações, adeptos de um empirismo gerencial, seguem, mesmo que não tenham consciência disto, uma estratégia de difusão. (FERRARETTO, 2007, p. 28)

Em 1954, se deu uma das passagens mais marcantes e assustadoras do rádio gaúcho. Após o anúncio do suicídio do presidente Getúlio Vargas, o casarão que abrigava a Rádio Farroupilha é atacado por populares e incendiado. De acordo com Ferraretto (2007), a fúria dirigida contra a emissora está ligada à relação entre a política e a radiodifusão, e à oposição política de Assis Chateaubriand, proprietário da emissora, ao então presidente, já que o nacionalismo de Vargas ia de encontro aos interesses comerciais do empresário.

Dillenburg (1990) descreve o desenrolar dos fatos, apresentados como “uma trágica edição extraordinária” do Repórter Esso. Segundo o autor, o locutor Lauro Hagemann, à época titular do noticioso, leu com voz pausada e emocionada:

“Rio – conhecem-se agora mais alguns pormenores da morte do senhor Getúlio Vargas, que se suicidou esta manhã, às 8h26min, em seus aposentos no Catete, com um tiro no coração. Depois de dramática reunião desta madrugada, com o Ministério e numerosas outras autoridades, o senhor Getúlio Vargas retirou-se aos seus aposentos, com a fórmula já sentada de que entrar em licença do governo, espontaneamente, até que se apurassem, cabalmente, as responsabilidades relativas à Rua Toneleros. Uma vez aprovada sem nenhuma culpa, retornaria ao poder. Eram, então, 3h30min. Antes de retirar-se, recebeu abraços pelos que se encontravam na sala. Já em seus aposentos, o senhor Getúlio Vargas mandou chamar o senhor João Goulart. Este, antes de atender, chamou a um canto o senhor Hugo Faria, Ministro do Trabalho, com o qual conferenciou a meia voz, acenando o titular do Trabalho com a cabeça, dizendo que sim. Enquanto isso, os Jardins do Catete estavam transformados em verdadeira praça de guerra, desde as primeiras horas da noite de ontem. As tropas



do Exército eram reforçadas e colocadas em pontos estratégicos, enquanto os próprios civis eram recrutados para a defesa, inclusive, as mulheres. Notava-se por todos os lados um certo “frisson”, semelhante a uma angústia indefinível”. (DILLENBURG, 1990, p. 101)

A indignação cresce ainda mais quando, conforme Ferraretto, após o anúncio “a Farroupilha, ao contrário de suas concorrentes, mantém a sua programação normal”, e o prédio da emissora é depredado e incendiado.

O incêndio, associado ao desprestígio da emissora, culminou com sérias dificuldades financeiras que, de acordo com o autor “só não é maior porque, sem o favorecimento governamental, começam a minguar as atrações da Gaúcha, que mergulha em dificuldades financeiras” (2007, p. 49).

O autor destaca, ainda, que o cenário de crise começa a mudar a partir de 1957:

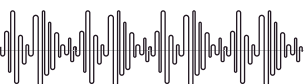
De um lado, Farroupilha vinha se recuperando, apostando, além das novelas e dos humorísticos, em programas de auditório de forte apelo popular. De outro, naquele ano, a Gaúcha passa ao controle de um grupo liderado por Arnaldo Ballvé, dono de várias estações de rádio no interior – as Emissoras Reunidas. Entre o seus sócios no empreendimento, está o principal animador de programas de auditório da época, Maurício Sirotsky Sobrinho, que desfalca o elenco dos Associados. Ocorrem, então, novos investimentos, impondo, no campo do espetáculo, dura concorrência a Farroupilha. Em paralelo, inaugurada a Rádio Guaíba, da família Caldas, proprietária do principal diário do estado, o Correio do Povo. Então, a instalação prevista para breve – de emissoras de TV no Rio Grande do Sul já começa indicar o fim do espetáculo radiofônico e a necessidade de serem buscados novos caminhos para o veículo no Rio Grande do Sul. (FERRARETTO, 2007, p. 49)

Com a saída de Sirotsky da Farroupilha, o animador assume a direção da Gaúcha junto com Arnaldo Ballvé. A rádio passa a integrar o grupo das Emissoras Reunidas que, à época, contava com 15 estações, formando a primeira grande cadeia de comunicação do estado.

Na mesma década, é revogada a resolução que limitava o número de concessões e, portanto, o número de estações em municípios do interior do país. Nesse período, são instaladas 50 novas emissoras fora de Porto Alegre. É também fruto dessa mesma década, o nascimento da Rádio Guaíba, inaugurada, extraoficialmente, em 20 de abril de 1957. De acordo com Vampré, Arlindo Pasqualini, no discurso inaugural, afirmava que “acerca de nossa programação, o que vos posso adiantar é que ela não terá o luxo das grandes montagens. Mas, mesmo quando singela, jamais cairá na vulgaridade” (1979, p. 124). O autor destacava ainda:

Dentro dessa filosofia, efetivamente, surge a Rádio Guaíba, revestindo-se de uma personalidade marcante, bem diversa da maioria das outras emissoras brasileiras. Muita música, a maioria gravada, e com original característica comercial sem spots ou jingles. Propaganda única exclusivamente através da própria voz dos seus locutores. Assim foi que a Rádio Guaíba iniciou sua caminhada. Mendes Ribeiro estava na direção artística e Flavio Alcaraz Gomes na direção comercial.

Conforme registra Ferraretto (2007), “chama a atenção a qualidade do som da nova emissora”. Seguindo o cronograma, a nova Rádio é oficialmente inaugurada no dia 30 de abril de 1957, diretamente do Theatro São Pedro, diante da plateia que lotava o espaço. O novo empreendimento nasce sob a tutela dos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, aos quais se une a Rádio Guaíba.



A emissora, apesar de não fugir ao espetáculo radiofônico comum à época, logo inclui novas atrações em sua grade, inspirada no rádio europeu e norte-americano. No mesmo ano de sua inauguração, em 04 de outubro, em um feito tecnológico inédito no estado, a Rádio Guaíba capta o sinal do Sputnik, primeiro satélite artificial que fora lançado horas pela União Soviética. Para Ferraretto (2007), uma façanha audaciosa do engenheiro Homero Carlos Simon, que seria o estopim para uma série de pioneirismos da rádio.

Outro diferencial da emissora é a programação esportiva que, no ano seguinte, se consolida com a irradiação do Mundial de Futebol, ocorrido na Suécia. Durante os horários de transmissão do Correspondente Renner, a Guaíba registra picos de audiência.

Assim, graças à qualidade técnica de suas transmissões a rádio se consolida entre os ouvintes e, por sua cobertura esportiva “em meados da década de 60, conforme indicam pesquisas existentes do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, a Guaíba destaca-se nos sábados e domingos à tarde”. (FERRARETO, 2007, p. 99)

Um marco para a época, Vampré (1979) afirma que em 1957 já se verificava a existência de nove mil emissoras em funcionamento ao redor do mundo.

A construção da Rede Brasil Sul (RBS) começa muito antes de sua fundação, quando em 1963, a Rádio e Televisão Gaúcha S/A se torna propriedade da Rede Excelsior, de São Paulo. Esse seria o primeiro passo para a construção de um império gaúcho na comunicação, a partir da experiência e da visão empreendedora de seus principais diretores, o executivo de radiodifusão Maurício Sirotski Sobrinho que, ingressava em um grupo que “na época, é o mais moderno do país”.

Nessa mesma época, ainda segundo Ferraretto, “alguns fatores convergem para permitir que, em uma iniciativa modernizadora, o empresário Lorenzo Gabellini revolucione o rádio no Rio Grande do Sul” (2007, p. 132), fazendo a quase desconhecida Rádio Itaí ganhar a liderança na capital. O autor atribui o novo cenário às mudanças que a programação vinha sofrendo. Era o fim dos espetáculos radiofônicos como novelas, humorísticos e programas de auditório, que perdiam o apelo popular, já que estas atrações migravam para a televisão, a novidade da época. Entretanto, de acordo com Ferraretto (2007), boa parte da população ainda não possuía condições de adquirir um televisor.

Conforme Haussen (2010), outro motivo de difusão do rádio está relacionado à tecnologia que, então, alcança novos patamares a partir da metade do século passado.

Ainda em relação à tecnologia, pode-se dizer que a disseminação do transistor, na década de 60, seria outro grande momento da radiofonia, uma vez que permitiria a criação do rádio portátil, e, como consequência, a libertação do “espaço fixo” do veículo, em geral na sala de jantar, papel ocupado, depois, pela televisão. (HAUSSEN, 2010)

A autora destaca, ainda, que o próximo passo na expansão do rádio seria segmentação, ocorrida a partir da década de 1970, na programação das emissoras, com a introdução da frequência modulada (FM) no país.

É nesse contexto que a Rádio Continental, fundada em 1962, passa a oferecer, a partir de 1970, uma programação direcionada aos jovens “com potencial de compra e nível cultural”. (FERRARETTO, 2005, p. 138)



Cabe ressaltar que neste período a segmentação da programação começa a conquistar adeptos e rádios passam por esse processo de adequação, garantindo a audiência.

Em 1982, a RBS, já consolidada como conglomerado e comunicação com várias plataformas – TV, jornal e rádio, espalhados por diversos municípios do estado – dá mais um passo em direção à consolidação do status de maior empresa gaúcha de comunicação com a aquisição da Rádio Farroupilha, ainda hoje integrando o grupo.

O salto tecnológico dos anos 80 e 90 proporcionou uma nova reviravolta na história do rádio. A possibilidade de transmissões via satélite e a chegada da internet permitiram a “digitalização do rádio, oportunizando a formação de redes e marcando o atual estágio”, como nos relata Haussen:

Uma das consequências foi a alteração na transmissão das principais emissoras internacionais em ondas curtas que divulgavam a sua programação para todo o mundo por este meio e que passam a optar por estas novas modalidades. Por outro lado, a concorrência da TV a cabo e da internet levam o rádio a especializar-se na prestação de serviços. (HAUSSEN, 2010)

Um novo modelo de emissora, surgido a partir de 1998, consolidou a democratização do veículo e segmentou ainda mais o mercado: a Rádio Comunitária. Esse tipo de emissora atende as necessidades informativas e se insere socialmente em uma determinada comunidade dando voz às necessidades daquela população.

Trata-se de radiodifusão sonora, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1km a partir da antena transmissora. Podem explorar esse serviço somente associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade da prestação do serviço. As estações de rádio comunitárias devem ter uma programação pluralista, sem qualquer tipo de censura, e devem ser abertas à expressão de todos os habitantes da região atendida. (AGERT, site)

Todas as mudanças experimentadas nos mais de 90 anos de rádio no Rio Grande do Sul também revelaram uma necessidade de interação inerente aos ouvintes que, cada vez mais, se conectam e se identificam com determinadas programações. A tecnologia recente permitiu uma proximidade ainda maior e, inclusive, a intervenção da audiência em programas ao vivo.

Conforme relatório da Associação Gaúcha de Emisoras de Rádio e Televisão (AGERT) de 2017, embasada em números de 2016, o estado possui filiadas a entidade 303 emissoras de rádio, divididas em nove regiões. Já o site da Anatel, que regulamenta o segmento, relaciona uma lista de 423 concessões de rádio para o Rio Grande do Sul. Mas esse número é bem maior quando pensamos em um cenário mais atual, em que muitas rádios utilizam a internet como veículo para sua programação. Um levantamento preliminar no site Rádios.com.br, em 26 de novembro de 2019, relaciona 786 rádios on-line no RS.

Este tipo de veículo (rádios web) ainda não conta com regulamentação governamental, como no caso das rádios convencionais que dependem de concessão do governo para operar, o que facilita o surgimento frequente de novas opções que vão da exclusiva programação musical ao jornalismo independente.

RÁDIO FARROUPILHA E O PROGRAMA GRANDE RODEIO



**FAR
ROUPI
LHA**

A Rádio Farroupilha, inicialmente Rádio Sociedade Farroupilha, recebeu o nome em referência ao centenário da Revolução – comemorado em 1935, ano da fundação do veículo – que durou dez anos (1835 – 1845) no Rio Grande do Sul. De propriedade do, então, governador do estado, general José Antônio Flores da Cunha, a rádio foi inaugurada em grande estilo no dia 24 de julho de 1935, e contou com a presença da elite gaúcha e apresentações de Carmem Miranda e Mario Reis, grandes nomes da música brasileira na época.

Com um transmissor de 25 kW, a rádio era considerada a mais potente do Rio Grande do Sul e uma das que possuía o maior alcance do país. Sob o prefixo PRH-2, a estação tinha o propósito de dar sustentação política ao governador e dono da emissora, que era comandada por Arnaldo Ballvê, um dos mais destacados radialistas do estado à época, de acordo com a pesquisadora Kênia Simone Werner, no artigo Rádio Farroupilha de Porto Alegre: um breve histórico e algumas contribuições de sua programação para a cena musical entre os anos 1940 e 1960.

Ainda, conforme a autora, apoiada sobre grandes nomes da comunicação no Rio Grande do Sul, a Rádio Farroupilha foi a pioneira no radioteatro com o casal de atores Peri Borges e Estelita Bel, além de escritores como Érico Veríssimo e Josué Guimarães e uma das precursoras do radiojornalismo como o tradicional Re-

pórter Esso. Durante a década de 1940, a emissora foi referência em radionovelas.

Ferrareto (2002) relata que em maio de 1943, a Rádio Farroupilha foi adquirida por Assis Chateaubriand e incorporada aos Diários e Emissoras Associados, sendo administrada a partir de então por João Freire. Além das radionovelas, a emissora contava em sua grade de programações com programas de auditório que eram veiculados à noite, apresentando intérpretes do Rio de Janeiro, São Paulo, Argentina e outros países, garantindo a liderança na audiência no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

Nem mesmo as dificuldades impostas pela Segunda Guerra Mundial, segundo Sérgio Roberto Dillenburg (1990), derrubaram as transmissões da rádio que, contrariando o cenário, inovou nas transmissões externas, promovendo clubes e instituições com narrações diretas do local.

Foi a partir da década de 1950 que novos programas de variedades, auditório e radiojornalismo foram inseridos na programação, tornando a emissora líder no estado.

Em 1954, após o suicídio do presidente Getúlio Vargas, o casarão que abrigava a emissora no alto da Avenida Borges de Medeiros foi incendiado.

Após noticiar a morte de Vargas, a emissora continuou com sua programação normal, o que teria revoltado a população. O fato, associado ao desprestígio da emissora, culminou com sérias dificuldades financeiras, conforme relata Dillenburg (1990).

O autor explica que apesar da concorrência que já ultrapassava as fronteiras regionais – a Rádio Nacional do Rio de Janeiro conquistava ouvintes pelo país – a

Rádio Farroupilha buscou estratégias para reconquistar a audiência. Com novos e modernos equipamentos, ampliação das coberturas externas e mais espaço para o radiojornalismo, o veículo iniciou um processo de interação com seus ouvintes, popularizando os programas apresentados.

Nessa mesma época, com o advento do tradicionalismo como movimento cultural nascente, são criados os primeiros programas de cunho regionalista, especialmente, a vivência do gaúcho. O Grande Rodeio Coringa, que estreou em 1º de maio de 1955, com apresentação de Paixão Côrtes e Darcy Fagundes, monopolizava a atenção dos ouvintes nas noites de domingo.

Os relatos dão conta de que o Grande Rodeio ficou no ar, ininterruptamente por mais de 20 anos, e ainda hoje é lembrado por ouvintes da época como o programa que marcou o regionalismo gaúcho. De acordo com Ferraretto (2002), no mesmo ano, Chateaubriand anuncia a chegada da televisão ao Rio Grande do Sul e novos programas de grande sucesso – e para todas as idades – seguem sendo incluídos na programação.

Segundo Dillenburg (1990), a liderança da Farroupilha começa a ser ameaçada a partir de 1957, com o surgimento da Rádio Guaíba que trazia um novo conceito para a comunicação gaúcha. Werner (2016) destaca que nesse mesmo ano, Maurício Sirotski Sobrinho funda a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS) e anos mais tarde adquire a Rádio Farroupilha incorporando-a ao Grupo RBS, após significativas mudanças administrativas e na grade de programações, do qual faz parte até hoje.

De acordo com as pesquisadoras Bruna Souza e Karen Vidaleti (2013), a programação cada vez mais próxima do público, com uma linguagem acessível aos

ouvintes de todas as classes sociais popularizou ainda mais a Rádio Farroupilha que, a partir da década de 1970, tornou-se, indiscutivelmente, a líder do seu segmento, apoiada pela interatividade dos ouvintes com os comunicadores da emissora e consagrou vozes como a de Sérgio Zambiasi, que graças à profissão de radialista, acabou sendo o deputado mais votado no estado.

Após estudos feitos pelo Grupo RBS, e a grande queda de audiência da coirmã popular Rádio Cidade FM, cuja audiência foi superada até pela rádio jovem do grupo, a Atlântida FM, ficou decidida a implantação da Farroupilha em FM, para realavancar a audiência popular do grupo, uma vez que a emissora era líder absoluta em AM em todas as faixas de idade e horários.

Assim, em 14 de setembro de 2015, a rádio estreou na frequência FM, sucedendo a Cidade FM, trazendo novidades na equipe, como Cris Silva, Eron Dalmolin, Everton Cunha e o humorista Cris Pereira.

Nos anos seguintes, a Farroupilha passou por mudanças, incluindo a saída de Eron Dalmolin, em 2017, e a mudança de sede para o prédio do jornal Zero Hora, na Azenha. Em 2018, o Grupo RBS lançou a 92 FM, uma nova rádio popular, o que levou a Farroupilha a retornar ao AM em abril daquele ano, buscando recuperar sua audiência tradicional.

Porém, em 2021, o desligamento do canal AM 680 foi anunciado, marcando o fim das transmissões pelo dial, que passaram a ocorrer apenas pela internet e plataformas digitais. Finalmente, em 2022, a emissora encerrou suas transmissões online, sendo extinta oficialmente.



O CONTEXTO HISTÓRICO DA TEMÁTICA DE 2025

Rogério Bastos

1. Contexto Histórico e Político

Para compreender as divergências entre Getúlio Vargas e Assis Chateaubriand, é fundamental situar suas trajetórias dentro do cenário político brasileiro. Getúlio Vargas, líder da Revolução de 1930, governou o Brasil de forma autoritária até 1945, quando foi deposto. Após um período de instabilidade, Vargas retornou ao poder em 1951, eleito democraticamente, numa fase marcada por tensões entre o governo e setores da oposição, incluindo a imprensa, empresários e militares.

Chateaubriand, por sua vez, foi um dos maiores empresários de comunicação do Brasil, fundador de grandes jornais, revistas e do canal de televisão Tupi. Sua influência na mídia e na política era significativa, e sua relação com Vargas foi marcada por momentos de apoio e de conflito aberto. Apoiou o movimento revolucionário de 1930 que levou Vargas ao poder, foi eleito senador pela Paraíba, em 1952, e pelo Maranhão em 1955. Criador do Museu de Arte de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea de Olinda, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1954, por ironia do destino ocupou a cadeira deixada por Getúlio Vargas.

2. A aliança inicial e os primeiros conflitos

Nos primeiros anos do governo de Vargas (1951-1954), Chateaubriand foi um dos apoiadores do presidente, especialmente por reconhecer nele um aliado na defesa de interesses empresariais e na ampliação da mídia. A relação, contudo, não foi isenta de tensões.

Vargas buscava consolidar seu projeto político e econômico, enquanto Chateaubriand tinha interesses próprios ligados à expansão de seus negócios e à influência na opinião pública.

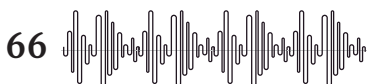
A partir de 1953, surgiram os primeiros sinais de divergência. Vargas passou a adotar uma postura mais centralizadora e autoritária, o que desagradou a Chateaubriand, que defendia maior liberdade de expressão e uma postura mais conciliadora com a oposição. Além disso, o presidente começou a tomar medidas que afetaram interesses econômicos e midiáticos do empresário, como a tentativa de controlar a imprensa e limitar o poder de influência de figuras como Chateaubriand.

3. Conflitos abertos e a crise de 1954

O ponto de maior tensão ocorreu em 1954, quando a crise política atingiu seu auge. A morte do senador João Pessoa, em 1930, e o clima de instabilidade que se seguiu, ainda ecoavam na memória coletiva. Vargas, então, enfrentava uma forte oposição, incluindo setores militares, civis e a mídia controlada por empresários como Chateaubriand.

Chateaubriand, que até então tinha apoiado Vargas, passou a criticar duramente o governo, acusando-o de autoritarismo, corrupção e de ameaçar a liberdade de imprensa. Em suas colunas e programas, o empresário passou a defender uma postura mais crítica ao presidente, contribuindo para o aumento da pressão contra Vargas.

Vargas, por sua vez, via em Chateaubriand um inimigo que buscava desestabilizar seu governo. A relação deteriorou-se rapidamente, culminando em uma série de ataques mútuos na imprensa e em declarações pú-



blicas. A disputa atingiu seu ponto máximo na campanha eleitoral de 1954, marcada por denúncias, acusações e uma crescente polarização política.

4. A contribuição de Chateaubriand na crise de 54

Assis Chateaubriand desempenhou um papel crucial na intensificação da crise política que culminou na morte de Vargas. Como um dos maiores empresários de comunicação do Brasil, sua influência na opinião pública era imensa, e suas ações na época tiveram impacto direto na polarização do cenário político. Chateaubriand utilizou seus veículos de comunicação, especialmente o jornal “Diário de Notícias” e a televisão Tupi, para criticar duramente o governo Vargas, denunciando supostas irregularidades, corrupção e autoritarismo. Essas críticas contribuíram para criar um clima de descontentamento e desconfiança entre a população e os setores políticos opositores ao presidente. Além disso, apoiou publicamente candidatos e movimentos contrários ao governo, fortalecendo a oposição e ajudando a consolidar uma narrativa de crise e ameaça à democracia.

Sua postura foi vista por muitos como uma tentativa de influenciar o resultado das eleições presidenciais de 1954, nas quais Vargas buscava a reeleição. A sua atuação, portanto, não foi apenas de um empresário de mídia, mas de um ator político que, ao usar sua influência, contribuiu para o agravamento do conflito entre o Executivo e os opositores, alimentando o clima de instabilidade que se instalou no país. Vargas, que sempre prezou por uma imagem de liderança forte e autoritária, via em Chateaubriand um adversário que buscava minar sua autoridade e influenciar negativamente sua base de apoio. Por outro lado, Chateaubriand, que tinha

interesses econômicos e políticos, passou a enxergar Vargas como um obstáculo à sua liberdade de atuação e à sua influência na política nacional.

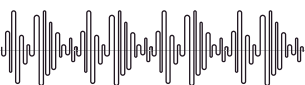
A partir de meados de 1954, as críticas públicas de Chateaubriand se tornaram mais agressivas, chegando a questionar a legitimidade do governo e a defender abertamente a oposição. Vargas, por sua vez, sentiu-se ameaçado por essa postura, que considerava uma afronta à sua autoridade e uma tentativa de desestabilizar seu mandato.

As tensões culminaram em uma série de ataques pessoais e políticos, que agravaram ainda mais o clima de conflito no país. Até que em agosto de 1954, a



situação atingiu um ponto crítico. A imprensa de Chateaubriand continuava a denunciar supostas irregularidades do governo, enquanto Vargas tentava manter sua autoridade e buscar apoio entre os militares e setores populares. No entanto, a crescente hostilidade e a polarização política criaram um ambiente insustentável, que culminaria na tragédia do suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo



UM HOMEM CHAMADO OCTÁVIO AUGUSTO VAMPRÉ

Rogério Bastos

Natural de São Paulo, capital, ingressou na rádio aos 19 anos, como produtor de programas na Rádio Cósmos, em 1936. No ano seguinte foi redator comercial da Rádio Cruzeiro do Sul. Em 1939, já com 22 anos, assumiu a direção artística da Rádio Piratininga (espírita), onde passou a escrever e dirigir teatros e radio-teatros.

No ano de 1941, transferiu-se para a Rádio São Paulo e iniciou sua fase de novelista, ao lado de Oduvaldo Vianna. Dois anos depois assumiu a direção artística desta emissora e, mais tarde, a direção geral de radio-teatro das Emissoras Unidas. Quando chegou o ano de 1945, Vampré transferiu-se para o Rio de Janeiro onde foi chefe de programação e novelista da Rádio Mayrink Veiga, ingressando mais tarde (1948), na Rádio Nacional como novelista exclusivo, onde atuou até 1951.

Vampré era um profissional da comunicação que atuava como uma espécie de consultor em diversas partes do Brasil. Em 1951, desembarcou no nordeste, fundando a Rádio Cultura da Bahia e Itaparica, em Salvador. No mesmo, ano assumiu a direção artística da Rádio Clube de Pernambuco, no Recife.

No ano seguinte (1952) retornou ao Rio de Janeiro, para a Rádio Tupi, depois para São Paulo, para a Rádio América. Em 1953, novamente voltou a Recife, desta feita para a Rádio Tamandaré. Finalmente, em 1955, foi enviado ao sul, onde encontrou uma Rádio Farroupilha em crise, vinda de uma depredação total de seus prédios em 1954, após o suicídio de Getúlio Vargas. Com a habilidade de um visionário e estrategista, ao bom estilo

Barão de Caxias, hoje seria chamado de analista SWOT (técnica de análise de negócios que ajuda a identificar os pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças de uma empresa ou projeto), chamou Paixão Côrtes para fazer um programa de auditório, aplicando a técnica que hoje conhecemos por folkcomunicação, buscando entender a comunicação popular a partir das manifestações culturais, reconhecendo a importância dos agentes e meios populares na difusão de informações e ideias (do povo para o povo).

Depois de estabelecer o Grande o Rodeio, com patrocínio da São Paulo Alpargatas, com seu Brim Coringa, Vampré partiu, em 1956, para Belo Horizonte – MG, para trabalhar nas Rádios Mineira e Guarani, além de ser supervisor artístico da TV Itacolomi. Em 1958, foi para a Rádio Inconfidência. Mas o Rio Grande marcou a vida de Vampré que acabou retornando em 1960, exercendo a supervisão artística da Rádio Farroupilha e TV Piratini (canal 5). Em 1962 foi contratado pela Rádio Gaúcha, depois pela TV Gaúcha, onde trabalhou até se aposentar em 1977.

A repercussão do Grande Rodeio Coringa foi tanta, que chamou a atenção de Vampré, vendo a força do gauchismo através da estrondosa audiência do programa, tentou sensibilizar os poderes públicos sobre a necessidade de oficializar a Semana Farroupilha.

Ainda no ano de 1977 foi agraciado com o Troféu Gaúcho Honorário, por serviços prestados à comunidade rio-grandense, atuou na AGERT, como assessor da presidência, e escreveu o livro “Raízes e evolução do rádio e da televisão”, pela FEPLAM, em 1979.

QUEM FOI DARCY FAGUNDES

por Luciane Fagundes

Darcy Fagundes nasceu em 1924, na cidade de Uruguaiana e era o primogênito de uma família de 11 irmãos, entre eles o apresentador Antônio Augusto Fagundes (Nico Fagundes) e o compositor e músico Bagre Fagundes.

Ele foi casado três vezes e teve cinco filhos. Darcy desempenhou as atividades de radialista (programa Grande Rodeio Coringa) e ator em 12 filmes gaúchos, além de ser considerado também o maior declamador da história do Rio Grande do Sul. Por ser a grande referência nesta área, o Dia do Declamador Gaúcho, no calendário oficial do Estado, é comemorado em 15 de dezembro, data de nascimento do artista.

RADIOATOR E APRESENTADOR DO GRANDE RODEIO

Darcy começou como radioator na rádio Farroupilha em 1952. No mês de maio de 1955, passou a apresentar, ao lado de Paixão Cortes, o Grande Rodeio Coringa, programa de maior audiência nos anos 50 e 60, dentro da temática regionalista.

O programa era dividido em invernadas: apresentação de músicos, muitos em início de carreira, trovadores e declamadores. Nesta época, passou a ser conhecido como “*Gaúcho Vaqueano do Rádio*”.

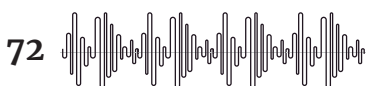
Depois de Paixão Cortes, dividiu a apresentação do programa com Dimas Costa e Luís Menezes.

DARCY AJUDOU A DIVULGAR O TRADICIONALISMO GAÚCHO

Durante o período em que esteve no ar, cerca de 15 anos, Darcy Fagundes ajudou a revelar grandes nomes da música e da cultura gaúcha: Teixeira, Gildo de Freitas, Os Serranos, De Lima e Leninha, Os Mirins, José Mendes, entre outros.

Além de abrir caminho para muitos artistas, ajudou a ampliar o processo de criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, incentivando a criação de Centros de Tradição e Folclore no RS e em outros Estados. Para o doutor em comunicação, Luiz Artur Ferrareto, o rádio – o Grande Rodeio Coringa –, foi fundamental para a consolidação da cultura regionalista iniciada em 1947, com a criação do Departamento de Tradições Gaúchas do colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, por obra dos jovens estudantes Paixão Cortes e Barbosa Lessa.

Segundo a jornalista e pesquisadora Liliane Pappen Bastos, “o movimento tradicionalista no RS não seria o que é hoje sem o legado deixado por Darcy Fagundes como grande divulgador dos valores e da cultura regional gaúcha”. Depois de O Grande Rodeio Coringa, Grande Rodeio Farroupilha e o Grande Rodeio Farroupilha em Noite de Gala, o artista apresentou também o programa “Invernada Gaúcha” na TVE, ao lado da cantora Maria Luiz Benitez.



DISCOS

Darcy lançou o seu primeiro disco em 1968, chamado *Tropa Amarga*. Um conjunto de poesias declamadas em seu programa de rádio, sendo ele o primeiro a se destacar como representante ativo do tradicionalismo gaúcho. O primeiro trabalho individual veio com o disco “*Rinha de Galo*”.



CINEMA

No cinema, o ator Darcy Fagundes atuou em 12 produções gaúchas, ao lado de Teixeira e José Mendes. Participou do primeiro longa-metragem gaúcho em cores: “*Para, Pedro*”, em 1969.

Todos os filmes valorizaram a cultura regional gaúcha, marca de toda a trajetória profissional e artística do homenageado no tema de 2025.

Darcy, “*O Vaqueano do Rádio*”, morreu aos 59 anos, vítima de um câncer que o abateu rapidamente, mas, até hoje é lembrado pelas pessoas ligadas ao tradicionalismo gaúcho como um grande incentivador da música e da cultura do Rio Grande do Sul.



“O que eu faço hoje no Galpão Crioulo é o mesmo que o tio Darcy fazia. Ele não era só um intérprete, era um rádioator. Como todos os artistas do rádio, a voz era só o que eles tinham e declamava como um ator”

Neto Fagundes destaca a declamação como o traço artístico onde o tio brilhava. Sua data de nascimento, inclusive, foi escolhida como o Dia Estadual do Declamador Gaúcho



“Todo mundo escutava o Grande Rodeio. O programa era uma febre, não só no Alegrete, mas em todo o Rio Grande do Sul e até fora”.

“O pessoal no interior marcava hora e se reunia na casa dos vizinhos que tinham rádio, até porque sempre tinha alguém da terra ou de uma cidade vizinha que ia se apresentar”.

Bagre Fagundes em entrevista para o Blog Rogério Bastos

“O tio Darcy foi o primeiro artista da nossa família. Tive a honra de subir no palco do Teatro Dante Barone com ele. Era o maior declamador do Rio Grande. Meu disco Sul foi dedicado a ele. Por todos os lugares que a gente anda sempre tem alguém que ouvia o Grande Rodeio com o Tio Darcy Fagundes. Os pioneiros merecem sempre o nosso respeito e o tio foi desses pioneiros. Lembro agora da apresentação do nosso grupo ‘Os Fagundes’ feita pelo tio Nico, irmão do Darcy e do meu pai Bagre Fagundes”:



“A família é da fronteira
De velhos troncos campeiros
com raízes no Inhandui
É gente de lenço branco
Cor morena e riso franco
Do mais velho ao mais guri
Que se reuniram um dia
Por sugestão e magia
Do mano velho Darcy”.

Ernesto Fagundes – músico



“Batendo todos os recordes de correspondência em programas radiofônicos, o Grande Rodeio Coringa, que amanhã comemora seu 10º aniversário, vem de confirmar o seu prestígio e a sua audiência. Isso porque nada menos de 60 mil cartas foram, até a tarde de ontem, enviadas aos dirigentes do programa, na rádio Farroupilha”.

O PATRONO – MÁRIO MATTOS

Mário Barboza de Mattos nasceu no dia 12 de dezembro de 1924, na cidade de Pelotas. Engenheiro agrônomo, jornalista, escritor e artista plástico autodidata. Mário e Barbosa Lessa são primos e amigos de infância. No início dos anos 50, participaram juntos da histórica fundação do tradicionalismo gaúcho. Mattos estava entre os jovens que durante as férias de verão do Colégio Júlio de Castilhos, organizaram parte que do viria a se tornar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, estando listado como membro fundador do 35 CTG.

Atuou como assessor cultural na 26ª RT, recebeu a Medalha Barbosa Lessa em 2008, o prêmio Trezentas Onças em 2009, teve três de suas teses aprovadas em Congressos: A Origem do Gaúcho Rio-Grandense como parte integrante da identidade cultural do Brasileiro; A Carta de Princípios e os Problemas Atuais do MTG; Identidade Cultural e Tradicionalismo. Participou da Fundação do Instituto João Simões Lopes Neto; autor de diversos livros, entre eles:

“Décima de Sepé Tiaraju” (1985);

“Garimpando no Mundo das 300 Onças” (2007);

“Contos Tropeiros e outras Narrativas” (2014);

Foi o primeiro a ilustrar, em 1947, o poemeto Antônio Chimango, de Ramiro Barcelos. Membro Efetivo da Academia Sorocabana de Letras, tendo como patrono da cadeira 27, João Simões Lopes Neto; Membro efetivo do Instituto de História e Tradição do RS.

Em julho de 1978, Barbosa Lessa faz esta apresentação de Mário Mattos por ocasião de uma exposição de arte em Porto Alegre:

“Autodidata, desenha cenas gaúchas desde os 15 anos de idade. Formou-se em agronomia e, nesta condição, continuou relacionado com gente do campo. Ao se transferir para Sorocaba, ali restabeleceu o elo entre dois povos brasileiros com a implantação da “Semana do Tropeiro”, evocativa do passado em comum. Desde 1970, tem participado de inúmeras feiras, salões e exposições de Artes Plásticas. Mário Mattos para a pintura de suas aquarelas busca inspiração nos temas gauchescos. O cavalo que ele pinta é o legítimo crioulo de nossa campanha e, pelo garbo com que galopa, a gente sente que é um “pingo”. O homem que atira o laço não foi copiado de uma revista argentina nem de um filme de cowboys: é o autêntico gaúcho brasileiro, de inconfundível jeito caboclo. A mulher que alcança a cuia de chimarrão é aquele mesmo ser que os poetas chamam de “prenda”. E a textura do pasto, do gramado, da pastagem, aliada à transparência do céu, afirma que este não é outro senão a encantada “querência” dos gaúchos. Mário Mattos não precisa de apoio do dialeto regional para pintar a região. As cores de suas aquarelas são as cores do Rio Grande do Sul. Os traços de seu nanquim são os traços fortes do caráter gauchesco. Ele sabe contar um causo, embora mudo, com a mesma graça e autenticidade de um velho peão de estância. Explica-se. Os anos da adolescência, tão marcantes para o espírito humano, ele os viveu, intensamente, nas belas várzeas do Rio Camaquã, em pleno coração das tradições gaúchas. Sua retina guardou para sempre a peculiaridade das paisagens xucas e o dinamismo das fainas campeiras, guardando na alma a lembrança de sua terra, pintando, admiravelmente, a autenticidade regional e o vigor estético de validade universal”.

MÁRIO MATTOS



Fotos: Arquivo pessoal de Mário Mattos

APLICAÇÃO PEDAGÓGICA

Márcia Cristina Borges da Silva

Para trabalharmos o tema proposto para os Festejos da Semana Farroupilha de 2025 é importante entendermos a definição de atividade pedagógica.

Esta definição é muito realizada nas salas de aula durante o desenvolvimento das atividades e na aplicação dos conteúdos escolares, mas é necessário criatividade, utilização de recursos e tornar mais atrativo, agradável e interessante o aprendizado.

A atividade pedagógica é uma experiência de aprendizagem planejada, estruturada e sistematizada, destinada a promover o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos. São as ferramentas de aprendizagem que visam envolver os alunos, aumentar o seu interesse e o engajamento bem como aprimorar a socialização e outras habilidades.

A atividade pedagógica é uma ação intencional, planejada pelo educador para facilitar a aprendizagem do aluno.

O principal objetivo é promover o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências dos alunos, através de experiências de aprendizagens significativas. As atividades pedagógicas podem ser diversas, incluindo jogos educativos, projetos colaborativos, leituras, experimentos entre outros...

Estas atividades são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

As atividades pedagógicas podem ser realizadas tanto dentro como fora da sala de aula, em diferentes contextos de aprendizagem.

A atividade pedagógica deve ser planejada de forma a considerar as necessidades e interesses dos alunos, bem como os objetivos de aprendizagem.

PROPOSTA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Destacamos atividades pedagógicas sobre o tema “Centenário de Darcy Fagundes e os 70 anos do Programa Grande Rodeio Coringa”, pensadas para serem desenvolvidas com alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como, com Prendas e Peões das entidades tradicionalistas.

As atividades buscam desenvolver competências previstas na BNCC, fortalecer a identidade cultural gaúcha e trabalhar de forma interdisciplinar com arte, história, música, literatura e cidadania.

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Tema – Conhecendo Darcy Fagundes

– Linha do tempo ilustrada da vida de Darcy Fagundes
Crie uma linha do tempo com imagens e fatos marcantes da vida dele.

Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

– Biografia com colagem criativa

Leitura e interpretação da biografia seguida de colagem com imagens da época.

Fonte: Instituto Estadual de Música RS.

- Podcast da turma: “Quem foi Darcy Fagundes?”

Gravação de áudios curtos com os alunos narrando a história dele.

- Mapa dos lugares importantes na vida de Darcy

Localizar no mapa os principais pontos: Alegrete, Porto Alegre, rádios, etc.

Fonte: Wikipédia e RBS Memória.

- Álbum de figurinhas da cultura gaúcha

Produção artesanal de figurinhas ligadas ao universo de Darcy: pilchas, rádio, etc.

- Jogo da memória com expressões usadas por Darcy

Ex: “Bah”, “Capaz”, “Tchê”, etc.

- Retrato falado com argila ou massinha

Criação de bustos ou retratos do artista com argila.

- Histórias em quadrinhos de causos do interior

Inspiradas nas piadas e contos contados por Darcy.

- Jornal mural “O Gaúcho Falante”

Criação de um mural com notícias da época de Darcy Fagundes.

Tema - Grande Rodeio Coringa: Patrimônio do Rádio

- Audição de trechos do programa

Ouvir trechos originais e discutir o contexto da época.

Fonte: Acervo da Rádio Guaíba / Correio do Povo.

- Entrevista imaginária com Darcy Fagundes onde os alunos escrevem perguntas e respostas como se fossem entrevistá-lo.

- Criação de um mini roteiro de rádio

Simular um quadro do “Grande Rodeio Coringa” em sala.

Leitura de textos com dicção, entonação e sotaque característicos.

- Painel sonoro com efeitos do rádio

Usar objetos para simular sons usados nos programas de antigamente.

- Representação teatral de uma esquete humorístico

Reproduzir um quadro de humor do programa.

- Cenografia do estúdio de rádio

Montagem cenográfica em sala com microfones, script, etc.

- Criação de spots publicitários ao estilo Coringa

Gravar propagandas com sotaque regionalizado.

- Desenho animado com falas do programa

Criar storyboard ou animação curta com uma fala marcante.

- Oficina de radialismo e locução

Convidar radialistas para conversar sobre o rádio e sua evolução.

Tema - Cultura Gaúcha e Tradição

- Oficina de trova e declamação

Inspirada nos versos de Darcy e nos programas de rádio.

Fonte: MTG e Casa de Cultura Mario Quintana.

- Roda de chimarrão com causos

Convidar pessoas mais velhas para contar histórias regionais.



- Confecção de pilchas com papel e tecido

Oficina de criação de trajes gaúchos em sala de aula.

- Jogo de tabuleiro “Rodeio Cultural”

Com perguntas sobre cultura, música e história regional.

- Exposição de objetos antigos do rádio e da tradição gaúcha

Trazer objetos antigos de casa ou do museu local.

- Sabores da tradição: oficina de culinária gaúcha

Comidas citadas por Darcy ou comuns na época.

- Dia da cultura: apresentações artísticas em homenagem ao programa

Teatro, canto, dança ou poesia.

- Criação de um mascote para o Grande Rodeio Coringa

Trabalho de desenho e identidade cultural.

- Cartas ao Darcy Fagundes

Alunos escrevem cartas imaginando que podem contar a ele sobre o hoje.

- Quiz interativo sobre rádio e cultura gaúcha

Utilizar ferramentas como Kahoot ou papel mesmo.

Tema - Arte, Música e Interdisciplinaridade

- Composição de um verso em homenagem ao centenário

Criação coletiva de poemas ou trovas.

Fonte: Cartilha de Trovas do MTG-RS.

- Ilustração de letras de músicas de época

Trabalhar com “O Passo do Elefante” ou outras músicas típicas da era do rádio.

- Construção de um rádio antigo em maquete

Trabalhar formas, história e tecnologia do rádio.

- Linha do tempo da comunicação: do rádio ao TikTok

Comparar gerações e formatos.

- Jogo do passa-passa cultural (oralidade)

Contar causos e ver como a história muda entre os alunos.

- Criação de um programa de rádio da turma transmitido via podcast ou ao vivo na escola.

- Atividade de escuta ativa com música gaúcha

Analisar letra, ritmo e instrumentos.

- Painel dos 70 anos: antes e depois do rádio

Debate e arte visual sobre a importância histórica do rádio.

- Projeto interdisciplinar com geografia, história e português

Tema: “A comunicação e a tradição como identidade do povo gaúcho.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio.; DUARTE, Jorge. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação: 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006

CÔRTEZ, J.C. Paixão. Falando em Tradição e Folclore Gaúcho, Excertos Jornalísticos: 1. ed. Porto Alegre, 1981

DILLENBURG, Sérgio Roberto. Os anos dourados do rádio em Porto Alegre: 1. ed. Porto Alegre: Ari Corag, 1990

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio no Rio Grande do Sul, (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais: 1. ed. Canoas, RS: ULBRA, 2002

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul, as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20: 1. ed. Canoas, RS: ULBRA, 2007

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social: 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GRABAUSKA, Raquel; SPRITZER, Mirna. Bem lembrado, Histórias do radioteatro em Porto Alegre: 1. ed. Porto Alegre: AGE, 2002

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A Invenção das tradições: 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006

JACKS, Nilda. Mídia Nativa, Indústria cultural e cultura regional: 3. ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Nativismo, Um fenômeno social gaúcho: 1. ed. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1985

LIMA, Jarbas. Tradicionalismo... Responsabilidade social – Reflexões: 1. ed. Porto Alegre: MTG, 2004

LOPES, Israel. Pedro Raymundo e o Canto Monarca: 1. ed., Uma história da musica regionalista, nativista e missioneira. Porto Alegre: Letra e Vida, 2013

MANN, Henrique. Som do Sul, A história da música do Rio Grande do Sul no Século XX: 1. ed. Porto Alegre, RS, Tchê, 2002

OLIVEN, Ruben George. A Parte e o Todo, A diversidade cultural no Brasil nação: 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

VAMPRE, Octavio Augusto. Raízes e evolução do rádio e da televisão: 1. ed. Porto Alegre, RS: Feplan – RBS, 1979

ZALLA, Jocelito. O Centauro e a Pena, Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas: 1. ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2018

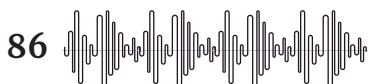
SITES E ARTIGOS

CAMPOS, Guilherme. Roberto Landell de Moura, o outro inventor do rádio. Revista Super Interessante. 2017. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/historia/o-outro-inventor-do-radio/> >

CAPORAL, Matheus. Paixão Côrtes. Projeto Vozes do Rádio. FAMECOS. 2016. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/p/paixao-cortes/>>

Darcy Fagundes. Projeto Vozes do Rádio. FAMECOS. 2016. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/d/darcy-fagundes/>>

DILLEMBURG, Sérgio. Rádio Farroupilha. FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/radio-farroupilha>>



FERRARETTO, Luiz Artur. O reconhecimento do trabalho de um gaúcho. Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: < <http://www.radionors.jor.br/search/label/Primórdios>>

FERRARETTO, Luiz Artur. Paixão Côrtes, Darcy Fagundes e o Grande Rodeio Coringa. Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2013/10/paixao-cortes-darcy-fagundes-e-ogrande.html>>

FERRARETTO, Luiz Artur. A inauguração da Rádio Farroupilha. Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul. 2005. Disponível em: < <http://www.radionors.jor.br/2013/05/a-inauguracao-da-radio-farroupilha-2005.html>>

FERRARETTO, Luiz Artur. Paixão Côrtes, gauchismo no rádio. Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul. 2005. Disponível em: < <http://www.radionors.jor.br/2013/10/paixao-cortes-gauchismo-no-radio-2005.html>>

HAUSSEN, D.F (2005). Memória das profissões e da mídia regional: trajetória do Rádio. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais1/encontros-nacionais/30-encontro-2005-1>>

HAUSSEN, Dóris Fagundes. Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração. DocPlayer. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4877383>

[Radio-brasileiro-uma-historia-de-cultura-politica-e-integracao-1.html](https://docplayer.com.br/4877383)>

PETERSEN, Tomás Mayer. Conheça o legado do padre Landell de Moura, pioneiro das telecomunicações. Revista Galileu. 2019. Disponível em: < <https://revis-tagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/conheca-o-legado-do-padre-landell-de-moura-pioneiro-das-telecomunicacoes.html>>

BASTOS, Rogério. Entrevista com Bagre Fagundes. Blog do Rogério Bastos. 2020. Disponível em: < <http://www.rogeriobastos.com.br/2020/05/entrevista-com-ba-gre-fagundes.html>>

HEMEROTECA DIGITAL. Referência “Grande Rodeio”, Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: < <http://bn-digital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Imagens usadas no livro:

Página 18 – Charge do Fraga | ZH 2010

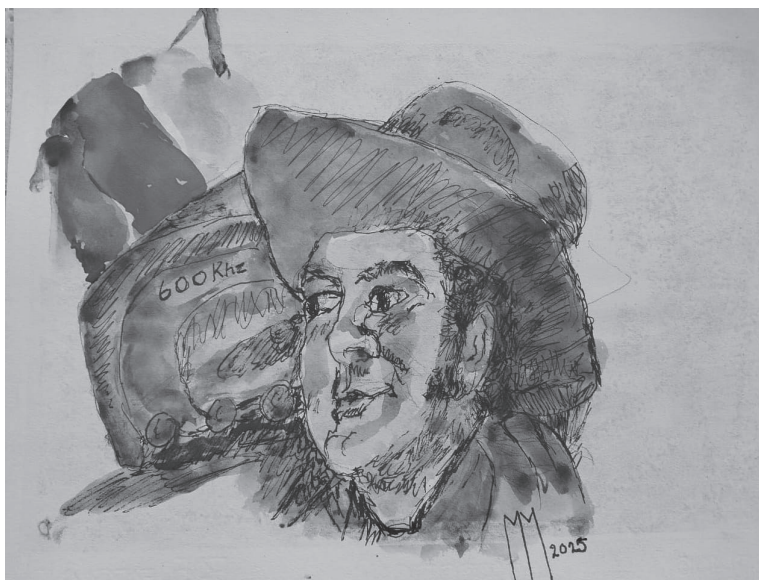
Página 34 – René Cabrales | SINPRO/RS

Páginas 66/67 – Gentilmente cedidas pela Crie Ideias





Após receber a sondagem para ser o Patrono dos Festejos Farroupilhas do Rio Grande do Sul, Mário Mattos conceituou o tema em duas aquarelas, posteriormente vetorizadas por Liliane Pappen Bastos.



AUTORES DO LIVRO

ROGÉRIO PEREIRA BASTOS é radialista, jornalista, palestrante e historiador. Profissional em apresentação, locução, noticiador, produtor Executivo de Rádio e Televisão. Autor do tema dos Festejos Farroupilhas do RS em 2013 - “O RS no imaginário social”, Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore (2021/2023). Vice-presidente da Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas (2024/2025). Autor do Livro: “MTG 50 anos de preservação e valorização da cultura gaúcha”. Produtor Cultural e Diretor da Bastos Produções.

LILIANE PAPPEN BASTOS é jornalista com pós graduação em Comunicação Institucional, além de atuar como diagramadora de livros e materiais gráficos. Natural de Venâncio Aires, é coidealizadora da Escola do Chimarrão, palestrante, tradicionalista e prenda. Coordenou a 40ª RT do MTG/RS nos anos 2023/2024, e, em 2015, foi Patrona dos Festejos Farroupilhas da Capital Nacional do Chimarrão.

AUTORES DO TEMA

IRÃ PEREIRA GOULART é licenciado em história pela PUC-RS, professor da rede estadual e municipal em Santa Catarina. Tradicionalista há 18 anos, atua na área cultural do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Diretor do Depto. Jovem da 1ª RT, 2025. Pesquisador e palestrante de História Regional - Integrante do DTG Caiboaté – Guaíba/RS; Coautor do livro “Câmara e Memória: Legislaturas da Câmara Municipal 1947-1988/ CMTA 2023.

MÁRCIA CRISTINA BORGES DA SILVA é policial militar, historiadora, pedagoga e tradicionalista. Foi prenda do 35 CTG, Diretora do Departamento Jovem da 1ª RT, Capataz Cultural do pioneiro onde assumiu o cargo de patroa no ano de 2012/2015, onde é conselheira benemerita e é autora do livro: A evolução histórica da mulher gaúcha.



GOVERNO
DO ESTADO



**RIO
GRANDE
DO SUL**

O futuro nos une.